

# TRÍDUO DA GS

## «Tudo começa com um encontro»

*Tríduo Pascal da Gioventù Studentesca (GS)*

*Rimini, 2-4 abril de 2015*

**INTRODUÇÃO, JOSÉ MEDINA**

*2 de abril, quinta-feira à noite*

*Mare nostre*

*Ballata dell'uomo vecchio*

Senhor, «olha para a nossa humanidade infinita pela sua debilidade mortal, e faz com que retome a vida pela paixão do teu único Filho»<sup>1</sup>. Olha-nos com bondade. É de Ti que vem tudo. É de Ti que vem também o nosso reconhecimento de Ti. «Vem, Senhor!»<sup>2</sup>, tem misericórdia de nós. «A Tua graça vale mais do que a vida»<sup>3</sup>, porque sem a tua graça, sem a Tua misericórdia, a vida não tem sentido. Sem a Tua misericórdia a vida leva à total obliteração de si mesmo. Cantemos juntos *Desce Espírito Santo*.

*Desce Espírito Santo*

### **UMA VIDA AUTÊNTICA AGORA**

Queria começar estes dias em conjunto lendo um contributo que sintetiza a urgência expressa em muitos dos vossos contributos, e que é também a minha. Escreve assim um amigo: «Como é que se faz para viver verdadeiramente? Porque eu às vezes sinto-me uma máquina presa nas rotinas de todos os dias, totalmente apática». Esta é a urgência que eu trago comigo nestes dias: o desejo de viver uma vida autêntica agora, hoje.

Não se pode falar de desejo de felicidade, se não se parte do agora, da comparação com o presente, com o cotidiano. Porque sem nexos com o presente, com o cotidiano, que é feito dos problemas de todos os dias, dos amigos, dos problemas que a vida abre na escola, em casa, das doenças, das dificuldades, se não falamos deste “agora”, falamos duma felicidade intelectual e as conversas destes dias não afastarão as dificuldades que sentimos. Falar de desejo de felicidade sem falar do agora, de ti, aí sentado na cadeira, agora, é falar de uma ideia, é, como diz o Papa Francisco, tornarem-se jovens de museu, que sabem tudo, que estão bem informados, que conhecem tudo, mas não sentem o agulhão da realidade, o impacto da realidade, que não choram.

Cristo interessa-me porque com Ele eu posso viver de forma autêntica agora; caso contrário, o cristianismo é um acréscimo, uma outra coisa para fazer, um culto, uma moral, uma coisa já sabida. Sem o nexo com o cotidiano, com o agora, é impossível entender a existência de Deus. Sem a carne de cada dia, qualquer que seja a flexão e

versão que ela tome, não é possível entendê-la. Porque é exatamente nas dificuldades do cotidiano que se experimenta o drama de sermos homens.

### **UM BARCO QUE ANELA PELO MAR MAS QUE O TEME**

Na página 5 do livrinho do Tríduo encontram uma poesia (*George Gray*) de Edgar Lee Masters que sintetiza o drama do humano tal como eu o senti nestes meses: «Muitas vezes estudei / a lápide que me esculpiram: / um barco com as velas enroladas, num porto [porque o barco não é feito para o porto, mas para o mar. É como ter uma Ferrari e guardá-la na garagem. A Ferrari não pertence à garagem]. / Na verdade, este não é o meu destino / mas a minha vida. [Por que diz isto? Por que descobre na sua vida que se retirou, que se demitiu de viver?] / Porque o amor me foi oferecido e eu fugi do seu engano; / a dor bateu à minha porta, e eu tive medo; / a ambição chamou-me, mas eu temi os imprevistos. [Um belo carro, um belo barco, mas não os conduzes, ficas ali a olhar para eles, a limpá-los, até te sentas lá dentro, mas sem os conduzires] / Apesar de tudo tinha fome de um significado na vida. [Apesar de tudo, sabes isso bem] / E agora sei que é preciso içar as velas / e seguir os ventos do destino, / onde quer que estes levem o barco. / Dar um sentido à vida pode levar à loucura [a vida sem sentido é que leva à loucura!] / mas uma vida sem sentido é a tortura / da inquietação do vão desejo [tu sabes bem que não fomos feitos para viver presos nas rotinas] / um barco que anela pelo mar e no entanto o teme». Diante do meu desejo de viver uma vida autêntica, eu tenho medo.

«Tenho medo», escreve uma de vocês a uma professora, «sabe o que significa já com esta idade não me sentir à altura? Nunca me sentir suficiente, como se tudo o que tu sabes fazer tivesse como obstáculo uma única barreira: nós mesmos. Tenho medo de viver agora». E esta amiga continua: «Sabe qual é o meu objetivo? Reencontrar-me a mim mesma. Reencontrar aquela jovem simples que sorria a todas as coisas. Reencontrar a determinação, a força, a vontade de ser mais do que aquilo que sou. Não ouvir mais as palavras segredadas pela minha mãe, não a ver sofrer mais, sentir-me só».

Nós damo-nos conta de que há na vida uma promessa, uma grande promessa, e sentimos também saudades dessa promessa. Sabemos que não fomos feitos para vivermos presos, mas ao mesmo tempo estamos como que esgotados, cansados, sentimo-nos inadequados, incapazes. Este é o paradoxo de sermos homens: sentir que fomos feitos para sermos verdadeiros, verdadeiramente nós próprios, e, no entanto, sermos incapazes de fazer um gesto verdadeiro.

Cantemos *Cerco un gesto naturale*. Escutem estas palavras: «Vejo-me de fora como se fôssemos duas pessoas / [...] naquele movimento, eu não estava lá»<sup>4</sup>. O meu agir não é expressão do meu eu. Estou preso, confuso, destinado a viver uma vida autêntica agora, mas não sei como fazer.

### *Cerco un gesto naturale*

### **COMO CHEGAR À VIDA AUTÊNTICA?**

De muitos modos, com diversas tentativas, o homem procurou experimentar um gesto natural, autêntico, um gesto de homem verdadeiro, de forma a poder dizer: «Eu estou aqui, agora». Tentou produzir um gesto humano, natural, com as próprias mãos ou seguindo os ditames da moda, mas sem sucesso; tentou fazer por si, mas não é preciso muito tempo para perceber que não chega, que eu não sou capaz de ser eu próprio, de ser eu. Consequentemente, o homem concluiu que viver uma vida

autêntica é impossível e retirou-se; retirou-se na casa de campo, ou com um grupinho de amigos, isolado, protegido, convencido de que o obstáculo a ultrapassar são as circunstâncias geradas por uma sociedade criada por homens que já não é humana; tentando esbater, amortecer o mais possível o impacto do real.

Aquilo que falta hoje, diz o Papa Francisco, é o pranto: «Convido cada um de vós a perguntar-se: aprendi eu a chorar? Quando vejo uma criança faminta, uma criança drogada pela estrada, uma criança sem casa [quando ouço que um avião caiu nos Alpes, quando ouço que as pessoas morrem na Síria, eu choro? Sinto o impacto da realidade?] [...] Ou o meu não passa do pranto caprichoso de quem chora porque quereria ter mais alguma coisa?»<sup>5</sup>, caprichoso porque quereria eliminar aquilo que sente que é um obstáculo na sua vida. «Esta é a primeira coisa que vos queria dizer: aprendamos a chorar [...]. Por que sofrem as crianças? Por que acontece isto ou aquilo de trágico na vida? [...] Se vós não aprenderdes a chorar, não sois bons cristãos [homens]. [...] Sede corajosos, não tenhais medo de chorar!»<sup>6</sup>.

É preciso deixar-se tocar, sentir o impacto da realidade, sentir o drama de sermos homens, porque só nesse ponto nasce a pergunta, o pranto, e eu desejo. E esta tristeza, esta saudade de alguma coisa grande para mim, ou seja, este desejo de ser verdadeiramente eu, pede ao homem razoável um passo, um movimento de liberdade: é preciso gritar! Porque o homem consciente da própria incapacidade pode viver o impacto com as circunstâncias, quaisquer que elas sejam, de modo dramático (eu grito, grito a um outro) ou trágico (desespero, demito-me e digo: «Não é possível!»).

O homem razoável, aberto à possibilidade de que haja verdadeiramente uma realização na vida, pede. Se uma pessoa se detém antes do pedido, é porque tem um orgulho que não o deixa dobrar-se (pensa que é capaz de cumprir a vida contra toda a evidência) ou porque está desesperado. Diante da experiência de todos os dias, tem que se dar aquele passo: gritar! Como Bartimeu, o cego, que no meio da multidão gritava a Jesus: «Dá-me a vista!». E todos gritavam contra ele. Todos querem que tu te esqueças de ti mesmo, do teu desejo, do teu pranto (queremos consolar-nos, não temos coragem de os enfrentar), todos gritam para te fazer esquecer. Tal como todos diziam a Bartimeu: «Estás doido, cala-te, cala-te! Estás a fazer distúrbios!». Mas ele não se rendia: «Dá-me a vista!»<sup>7</sup>. Eu não quero ser consolado, eu quero ser eu, quero a felicidade agora, quero viver como homem. E por isso, para dizer isto com uma palavra ainda mais bonita, tenho que ser mendicante, porque aquilo que eu quero ser, não mo posso dar a mim mesmo.

Este, queridos amigos, é o meu desejo para estes dias: que sejam homens, que abracem o impacto, o agulhão da realidade. Porque o pedido dramático da vida não é uma questão intelectual, abstrata. Chorem! Gritem! Peçam, cada segundo, cada dia! Mendiguem! Esta é a estrutura do homem, a mendicância, a palavra que melhor descreve o que é o homem. Prometo-vos que, mendigando e vivendo como homens mendicantes, será feita luz diante dos vossos olhos e vos será dada uma afeição à vida dum modo que não podem imaginar.

Cantemos *Blind Barnabas*.

### *Blind Barnabas*

#### **TUDO COMEÇA COM UM ENCONTRO: A GRAÇA**

Sublinhamos rapidamente que o primeiro passo para começar a responder à pergunta sobre como é que se faz para chegar à vida autêntica é dar-se conta do que

eu sou, que a primeira dificuldade está no fato de que tenho medo de viver a vida – porque não choro – e que a estrutura constitutiva do homem é a do mendicante, porque para ser eu mesmo preciso de um outro. E por isso a coisa mais humana é gritar.

Dizia Pavese: «É preciso uma intervenção de fora para mudar de direção»<sup>8</sup>. É preciso algo de outro para levar o homem à decisão de pedir. Também precisamos disto! Precisamos de alguém também para pedir. O que pode levar o homem a esta decisão, a ser homem?

Escreve uma de vocês: «Há um mês estive internada no hospital para fazer uma operação e encontrei ali uma criança muito doente. Tinha onze anos, era magro, não falava e não se mexia. Inicialmente, eu não queria sequer entrar no seu quarto [recuamos, porque viver como homens faz-nos medo, não se sabe o que pode acontecer ao entrar naquele quarto de hospital]. Ao sair do hospital, fiquei fulgurada e comovida com o seu sorriso. Fiquei impressionada com a forma como ele sorria, apesar de não estar bem e fiquei impressionada também com a serenidade da mãe [«Apesar de não estar bem», porque nós entendemos as circunstâncias como objeções a sermos nós mesmos]. Ali entendi que o encontro com eles foi para mim a possibilidade de redescobrir como um sorriso pode tocar-me. Dei-me conta que, quando saía do seu quarto, tudo era interessante [dei-me conta duma mudança em mim], aquele sorriso era sinal de que dentro dele devia existir uma esperança e uma consciência de que vale a pena ser feliz». Nós queremos ver um homem que vive como homem a minha própria vida. Isto muda-me: alguém que sofre como eu, mas tem dentro de si uma esperança que eu não tenho.

Robert Stevenson (o autor de *A ilha do tesouro*) escreve: aquilo de que precisamos, «aquilo que queremos ver, é alguém enfrentar o mundo de peito aberto, alguém que faz um trabalho de um homem [de qualquer homem] conservando ainda o primeiro e puro prazer da existência»<sup>9</sup>. Aquilo de que precisamos é ver um homem que vive a vida, que faz o mesmo trabalho que eu, sem se esquecer de si mesmo, sem se perder a si mesmo, que vive cada circunstância sem se demitir da vida, conservando «o primeiro e puro prazer da existência», ou seja, o olhar de uma criança. Queremos encontrar um homem que gosta verdadeiramente de comer, de amar, de trabalhar, que está fascinado com o número das estrelas, que procura a beleza de um pôr do sol, em suma, um homem feliz. Um homem que pode ser homem sempre. Alguém que não esquece ou censura nada, que chora como eu choro, que sofre como eu sofro, mas que não é esmagado pela finitude, pela pequenez do seu ser. Um homem que vive à altura da promessa de que se apercebeu, consciente da sua própria pequenez.

O que leva o homem à decisão, o que torna o coração decidido a reconhecer, é o encontro com um homem que vive como homem. Um encontro que te muda, que te recompõe. Escreve Betocchi: «O que é preciso é um homem, / não é preciso a sabedoria, / o que é preciso é um homem / em espírito e verdade; / não um país, não as coisas / o que é preciso é um homem, / um passo seguro e igualmente firme / a mão que estende, para que todos / possam agarrá-la, e caminhar / livres, e salvar-se»<sup>10</sup>.

Mas se não é possível que o homem o obtenha com as suas forças, então compreende-se imediatamente que aquilo que desejo é um «divino escondido»<sup>11</sup>. Porque é impossível ao homem ser verdadeiramente homem. Seria necessário o encontro com um homem que aparentasse ser ao mesmo tempo normal e absolutamente outro, absolutamente próximo e infinitamente inalcançável. Um

homem que veiculasse – através de quem se veicula – a grande Presença. A grande Presença que se desvela, que nos toca. Cá está, tudo começa com um encontro que é uma graça.

Tudo começa com um encontro. Tudo é graça. Rezamos no início: «A Tua graça vale mais do que a vida»<sup>12</sup>, porque sem a Tua graça não há vida, sem a Tua graça a vida não tem sentido, não tem direção, sem a tua graça eu não me mexo. Sem a Tua graça, sem o encontro com este «divino escondido», a vida é trágica, acaba mal e por isso não a vivemos, não saímos do porto.

Eis o mistério da misericórdia: ao meu pedido, à tua necessidade, à tua mendicância, Deus responde, não com visões ou leis, ou conselhos, mas com um homem. Tudo começa no encontro com aquele homem. Foi o que nos disse o Papa em Roma: «Tudo, na nossa vida, tanto hoje como no tempo de Jesus, começa com um encontro. Um encontro com este Homem [...], um homem como todos e, ao mesmo tempo, diferente. [...] André, João, Simão: eles sentiram-se fitados até ao seu íntimo, profundamente conhecidos [profundamente conhecidos porque Ele era aquilo que eles desejavam ser], e isto gerou neles uma surpresa, uma admiração que, imediatamente, os levou a sentir-se ligados a Ele... Ou quando, depois da Ressurreição, Jesus pergunta a Pedro: “Amas-me?” (Jo 21,15), e Pedro responde: “Sim”; aquele sim não era o resultado de uma força de vontade, não vinha somente da decisão do homem Simão: antes ainda, vinha da Graça, tratava-se daquele “*primerear*”, daquele preceder da Graça. Foi esta a descoberta decisiva para São Paulo, para Santo Agostinho, e muitos outros santos: Jesus Cristo é sempre o primeiro, antecipa-nos, espera por nós, Jesus Cristo precede-nos sempre; e quando nós chegamos, Ele já está ali à nossa espera. É como a flor da amendoeira: é ela que floresce primeiro, anunciando a primavera»<sup>13</sup>.

O encontro com aquele homem muda a vida. Com Ele a vida é vida, eu posso ser eu. Ele tem dentro de si a vida e o gosto de viver.

Foi isto que aconteceu a André – lembram-se daquele trecho incluído no vídeo de Dom Giussani? -, que «entra na sua casa e tira o manto, e a mulher diz-lhe: “Mas, André, que tens? Estás diferente, o que é que te aconteceu?”. [...] “Mas, que tens?”. E ele a abraçar a sua mulher, que nunca se tinha sentido abraçada assim em toda a sua vida: era um outro [era um homem. Era um eu] [...]. Se lhe tivessem perguntado: «Quem és?», teria dito: «Percebo que me tornei outro... depois de ter ouvido aquele indivíduo, aquele homem, eu tornei-me outro»<sup>14</sup>.

Assim aconteceu o acontecimento maior da história em sentido absoluto. O encontro com um homem que torna a vida “vida”. De então em diante, aqueles homens tiveram como esperança sugestiva, como finalidade, como objetivo, ouvi-Lo falar, porque «ninguém falou nunca como Ele fala»<sup>15</sup>. As suas palavras, o Seu olhar mudam a minha vida. Estando com Ele, vivendo com Ele, há um fôlego diferente. O Seu olhar recompõe-me, recompõe a minha visão de mim mesmo, repacifica-me comigo mesmo e com as coisas. Abraça-me todo, até aquilo que eu odeio, até aquilo que é objeção, até à morte.

O que seria a vida sem aquele Homem? «Seria verdadeiramente insuportável».

Permanecer com aquele homem, permanecer com Ele, é a questão da vida. Não há um acontecimento mais importante em toda a história do mundo. Verificar se Ele é verdadeiro ou não, agora. Esta é a resposta à busca de uma vida autêntica, ao pedido fundamental de cada homem, da tua vida e da minha vida: Cristo, sim ou não. Cantemos *Hoy arriesgaré*.

«PERMANECEI EM MIM»<sup>16</sup>

Não basta que Jesus tenha existido. Não basta que Ele tenha caminhado sobre esta terra, tenha olhado, abraçado, acompanhado aqueles homens. Eu preciso de ser acompanhado agora. Reportar-se a um defunto é uma relação estética, emotiva, incapaz de mover a minha vida. Escreve uma amiga: «Estou a dar-me conta que sem Ele eu não vivo, preciso de Encontrá-Lo todos os dias, porque preciso daquela plenitude de vida, e este momento de dificuldade é mesmo precioso, porque me está a fazer focar e esclarecer cada vez mais qual é a minha necessidade. A origem da minha dificuldade é que os dias já não são determinados por aquele olhar, e já não o encontrar está a baralhar-me». Aquele homem tem que estar presente hoje, caso contrário a minha vida não muda, não se move. Não me basta tê-Lo conhecido. A minha vida é hoje. Preciso dEle agora.

Os discípulos tiveram a mesma experiência e o pensamento de não estarem com Ele era aterrador, enchia-lhes o coração de tristeza: «Filhinhos, por pouco tempo eu ainda estou convosco. Vós me procurareis, e agora vos digo, como eu disse também aos judeus: “Para onde eu vou, vós não podeis ir” [...]. Simão Pedro perguntou: “Senhor, para onde vais?” Jesus respondeu-lhe: “Para onde eu vou, não podes seguir-me agora; mais tarde me seguirás”. Pedro disse: “Senhor, por que não posso seguir-te agora? Eu darei minha vida por ti!”»<sup>17</sup>. Aquele homem, Jesus, prometeu permanecer comigo até ao fim do mundo: «Eis que estou convosco todos os dias, até o fim do mundo»<sup>18</sup>. Mas como? Ele permanece conosco dum modo inimaginável ao homem: «Eu sou o pão da vida. Os vossos pais comeram o maná no deserto e, no entanto, morreram. Aqui está o pão que desce do céu, para que não morra quem dele comer. “Eu sou o pão vivo [...]. Quem come deste pão viverá eternamente. E o pão que eu darei é a minha carne, entregue pela vida do mundo”»<sup>19</sup>.

Na Eucaristia, Deus torna-Se presente com um sinal visível e tangível, porque experimentável, através do qual Jesus manifesta a modalidade com que Deus acompanha o homem. Deus respondeu ao homem, permanecendo com ele dum modo absolutamente “normal” (alimento para comer, os sacramentos que acompanham os momentos importantes da vida, a companhia), mas ao mesmo tempo absolutamente Outro. A Eucaristia, com efeito, é um modo de “ser”. É Mistério, Outro, para lá da minha imaginação e do meu pensamento. É preciso contemplar (não se pode reduzir a uma medida humana. É Outro e ao mesmo tempo profundamente humano).

«Eu te louvo, Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste essas coisas aos sábios e entendidos e as revelaste aos pequeninos.»<sup>20</sup> Peçam a simplicidade da criança, porque *também* a capacidade de aderir a Cristo é dom de Graça. A mente e o coração do homem não são nunca adequados aos passos que Deus dá na sua direção. Peçam um coração puro que procura entrar em comunhão com Ele (e não “explicá-Lo” com categorias humanas), que se estende para o amor que lhe foi dado. Caso contrário, ele será como luz para um cego ou palavras para um surdo.

**LIÇÃO, JOSÉ MEDINA**  
*3 de abril, sexta-feira de manhã*

*Minha Festa*  
*Red River Shore*

## **O AMOR À VIDA**

Como é que se faz para conseguir viver uma vida autêntica, para viver agora um momento verdadeiro, como dizia a canção que ouvimos ontem à noite, um momento em que eu fui olhado, em que me senti eu? Para nós, a dúvida de que isto seja possível leva-nos a amortecer a realidade, o impacto da realidade, a esquecer. O desejo de sermos autênticos, de viver este momento sempre, hoje, agora, deixamo-lo desvanecer. Perdemos o sentido da urgência dramática da vida.

Dizia Pasolini: «Amo ferozmente, desesperadamente a vida. [...] Amo o sol, a erva, a juventude. O amor pela vida tornou-se para mim um vício mais fatal do que a cocaína». A urgência, o desejo de ser, de viver, que se revela de cada vez, cada segundo, como promessa, não é um pensamento, não é uma coisa em que tenho que pensar. Basta estar vivo para sentir a urgência dramática, o desejo de ser verdadeiramente eu. «Como irá tudo acabar?», pergunta-se Pasolini; e responde: «Ignoro-o»<sup>21</sup>.

### **A REALIDADE PROMISSORA E O SENTIMENTO DE IMPOTÊNCIA**

No primeiro impacto, a realidade apresenta-se como promessa, como fonte de afeição. O primeiro dia de escola, a primeira vez que te sentiste olhado por aquela jovem, a novidade, o novo na vida, apresenta-se como promessa que desperta um interesse. No primeiro impacto, o homem tem uma intuição de positividade, da bondade que a realidade revela, e por isso o homem afeiçoa-se. O homem afeiçoa-se à realidade não graças a um cálculo – ele não sabe o que vai acontecer - mas porque a realidade “promete” alguma coisa.

Ao mesmo tempo, o homem não sabe o que é esta promessa ou como será cumprida. O homem reconhece a promessa, há dentro dele alguma coisa capaz de reconhecer uma correspondência, mas não sabe o que “falta” nem como será realizada.

### **A PERGUNTA**

O fato de tu não saberes ou não poderes imaginar como é que esta promessa será cumprida, quer dizer que não tens a capacidade de a fazeres cumprir, que precisas de um Outro que esperas, que mendigas, como o pedinte que não tem sequer o direito de pedir, não tem nada para dar em troca. O mendigar é constitutivo do homem, não é um defeito. Não é que eu tenha nascido torto ou quebrado, porque da mesma maneira que eu percebo quem sou eu, da mesma maneira como eu tomo consciência de quem sou no embate, no encontro com a realidade, do mesmo modo compreendo que sou necessidade de “outro”. O mendigar não é um defeito, mas sermos verdadeiramente nós mesmos.

E é por isso que a oração, o pedir, o urrar, o gritar, é o ato fundamental do homem, o mais concreto que pode existir. Reza quem é razoável, razoável porque aberto à possibilidade de um cumprimento. Aberto no sentido em que, dando-se conta da dramaticidade do pedido, afirma o fato de que não sou eu que me faço. O pedir, o

mendigar, é a escolha mais razoável que se pode fazer, quase natural, como o pedido duma criança.

### **A TENTATIVA DO HOMEM**

Mas o homem, diante do pensamento de como se irá realizar a sua própria vida, perde a paciência e pensa: «Faço eu!». Mas fazendo eu, o cumprimento daquela promessa que intuo no encontro com o real ficou reduzido à minha medida, à obra das minhas mãos e por isso é uma tentativa viciada desde o início.

Escreve um de vocês: «Desde que me dei conta que estava apaixonado, que me dei também conta de ter um grande desejo de amar [o primeiro momento em que uma pessoa se apaixona é o momento mais verdadeiro, porque uma pessoa apercebe-se imediatamente duma promessa imensa, está diante daquela miúda espantado de que exista uma pessoa que olha para si], mas é como se nunca conseguisse estar diante dela. Muitas vezes parece-me que a estou a “deitar fora”, queria fazer-lhe uma carícia, mas parece-me um arranhão. Queria respeitá-la, mas muitas vezes uso-a. É desta minha incapacidade que jorra a pergunta: o que é que falta?» Como é que eu posso amar verdadeiramente, de forma autêntica?

Outro de vocês diz: «Quando eu era pequeno, tive uma doença. Agora voltou sem aviso prévio. Como é que faço para viver uma coisa destas, como é que faço para a suportar?».

Eu e tu não podemos imaginar como é que a promessa será cumprida, não sabemos como a realizar. E sentindo esta impotência que é constitutiva do homem, esta mendicância que é constitutiva do homem, acusa-se a realidade, acusam-se as circunstâncias, de mentir. Eu quero viver, viver verdadeiramente e tu (a doença, a minha incapacidade) não me ajudam, não me deixam em paz. Por isso encaramos a realidade, as circunstâncias e os acontecimentos como objeção. Acusa-se a realidade de trair, de ser um jogo malvado, trágico, que promete, mas não cumpre a promessa, que desilude.

### **A DÚVIDA**

Dando ouvidos a este pensamento, a abertura à vida, ao encontro com a realidade que fez surgir em mim uma curiosidade e o pressentimento de uma promessa, transforma-se em dúvida. A dúvida é muito insidiosa, porque não é que uma pessoa afirme outra coisa, não é que uma pessoa tenha visto na realidade alguma coisa que o leve a dizer: «A promessa não será cumprida», não é que tenha visto outra coisa, mas é como se por um momento desviasse o olhar e perdesse a energia de viver. Em vez duma curiosidade, introduz-se uma perplexidade, e em vez de estar diante da miúda (assim como diante dos livros, dos amigos), conscientes da promessa que despontou naquela primeira vez que a encontrámos, entra um “talvez”, um “mas”, um “talvez não seja verdadeiro”.

A dúvida corrói a energia do homem. É como quando uma pessoa tem dificuldade em resolver um problema de matemática: o fato de não saberes resolvê-lo não quer dizer que não tenha solução; o fato de não o conseguires compreender não quer dizer que ele esteja contra ti, talvez queira dizer que precisas da ajuda de alguém. É isto que fazemos com a vida: diante do problema, nós dizemos: «Não vale a pena», ou dizemos: «Não sou bom», «nunca vou conseguir», «o problema está contra mim», e assim ficamos paralisados, não somos capazes de enfrentar isto, sentimo-nos traídos.



Mas a dúvida não está fundada na realidade. É aquele pensamento que entra insidiosamente na vida quando uma pessoa não aceita o simples fato de que não se pode cumprir a si mesma, que é “necessidade”. É muito mais do que precisar de um outro: tu *és* necessidade de um *Outro*.

Quando a dúvida entra na vida, uma pessoa fica com medo. Escreve uma amiga: «Tenho medo de ir mesmo até ao fundo, porque depois vou encontrar alguma coisa de que não estou à espera [Esta torna-se a nossa mentalidade dominante: como não estou à espera disto, não está de acordo com a minha medida, então tenho medo. Mas amigos, a única coisa que interessa na vida não é encontrar-me a mim mesmo nas coisas, mas é encontrar alguma coisa de novo], alguma coisa que não é como eu digo, como eu estou segura, porque não sou eu que decido como é que as coisas devem ser! O fato de não ser eu a decidir como as coisas devem ser assusta-me, fazem-me sempre dar um passo atrás, não me faz viver. E quando tento controlar tudo aquilo que está à minha volta, cai-me o mundo em cima! E fico eu, sem mais nada, tendo-me perdido também a mim!» Como não sei o que vai acontecer, eu não me mexo, «como não sei como irá acontecer, não é possível».

Quando uma pessoa dá ouvidos, dá crédito à dúvida – não razoável, porque não é fundamentado em nada –, então sucumbe, amedrontada, fica bloqueada; e da vida, do desejo e da urgência de viver uma vida autêntica, fica apenas uma tentativa de alcançar uma vida tranquila, em paz, sem sobressaltos, sem problemas, sem chorar, como os mortos-vivos, sem ser tocados por ninguém. Mas isto não é a paz. A tranquilidade não é paz, é velhice, a velhice que já não deseja, que já não é curiosa. Nós somos feitos para coisas grandes, somos feitos para uma vida autêntica, para devorar a vida, não para a suportar. Cantemos juntos *Amare ancora*.

#### *Amare ancora*

#### **UMA ATITUDE NÃO PROBLEMÁTICA**

O homem não é capaz de sustentar a sua posição inicial, o olhar da criança; tem medo, desvia o olhar e, fazendo isto, já não encontra significado para a dor e não quer mais nada senão esquecer, apagar a pergunta, o problema que a realidade provoca. Esquecer parece mais fácil, mais cómodo, menos trabalhoso; suspender a espera de um possível cumprimento e adoptar uma atitude de reatividade mais banal (a falsidade) parece mais simples. O homem moderno tenta reduzir o impacto, o choque da realidade, tenta torná-la não problemática: «a nossa postura de homens modernos frente ao fato religioso carece de problematicidade; não é, normalmente, uma postura problemática verdadeira»<sup>22</sup>. Esta atitude não «problemática verdadeira», sobre a qual lemos na Escola de Comunidade, é a mentalidade dominante na nossa vida.

Uma atitude não problemática quer dizer que não nos deixamos provocar pela vida, que uma pessoa já não chora, que já não sente o choque da realidade. «A vida», diz ainda Dom Giussani, «é uma trama de acontecimentos e de encontros que provocam a consciência gerando nela problemas de variada medida. O problema é a expressão dinâmica de uma reação frente aos encontros provocantes»<sup>23</sup>. Mas o homem procura evitar o choque do real, o impacto, a reação que a vida, enquanto trama de acontecimentos e de encontros provoca em si, o homem escolhe tornar-se anestesiado (fechado), descurando o “eu” que é desejo de felicidade, de justiça, de verdade e, ao mesmo tempo, consciência de ser “pó”, impotente. O homem moderno faz todo o possível para não chorar mais! O problema – quando nos damos conta do

choque da vida e da sua pergunta dramática – não é algo a evitar, a resolver, mas qualquer coisa para a qual olhar.

#### **AMORTECER O CHOQUE DA REALIDADE COM O RUÍDO E AS EXPLICAÇÕES**

Mas nós homens modernos não gostamos disto, incomoda-nos e tentamos atenuar o embate do problema com o ruído, com a distração; pomos os fones, como escreve uma de vocês: «Procuro o afã que me desvia de pensar: através do divertimento e do relaxamento fujo de mim mesma, da minha infelicidade e das minhas mil interrogações acerca da vida e da morte. Encho os meus dias, enfio os fones nos ouvidos como se tivesse medo do silêncio».

Mas quando a distração não consegue atenuar o impacto da realidade, a provocação que a realidade abre, então tentamos “fechar” o problema com explicações: cai o avião e o problema é o piloto, pelo que basta resolver o problema do piloto e não voltará a acontecer aquela tragédia; estou doente, portanto é preciso uma explicação biológica. Podemos comportar-nos assim também em termos religiosos: tenho dificuldades, então haverá qualquer coisa que Deus quer, de modo a explicar, a encontrar um conforto para não chorar mais e não sentir mais a dramaticidade do próprio eu. Tornamo-nos “jovens de museu”<sup>24</sup>, como dizia o Papa, muito bem informados, mas assim a vida não tem fecundidade, não muda. A promessa é esquecida e somos como mortos vivos.

#### **REDUZIR O DESEJO A OBJETIVOS ATINGÍVEIS**

Diante do impacto da realidade, alguns tentam atenuá-lo apostando em objetivos que se possam atingir com as próprias forças. E diante do meu desejo, da promessa que vem ao de cima no impacto com a realidade, penso que me safo tendo uma bela nota o indo para a universidade. Mas isto não basta, porque a vida quero-a agora, não quero uma vida “conseguida”, a soma de tantos momentos belos, quero sentir-me a mim mesmo agora.

A consequência duma vida vivida assim é gélida: um homem incapaz de se afeiçoar pela realidade, que encontra todas as desculpas possíveis para se justificar, como com o problema de matemática: «Também não é assim tão importante», ou então: «Não é para mim», como se a vida não fosse para ti.

A consequência duma vida vivida à medida das minhas capacidades ou também da minha imaginação é um homem incapaz de amar, paralisado, empantanado, como acontece a Novecentos, na novela de Alessandro Baricco. Para Novecentos, o protagonista do romance, o navio no qual ele nasceu é “o tudo”, até ao dia em que um passageiro lhe conta a sua experiência de quando viu pela primeira vez o mar (o mar que Novecentos conhecia tão bem): «É como um brado gigantesco que grita e grita, e o que grita é: “Bando de asnos, a vida é uma coisa imensa, querem entendê-lo ou não? Imensa”»<sup>25</sup>.

Novecentos fica fascinado por aquele relato e pela ideia que a vida seja imensa (a realidade fez ver a sua atratividade, a sua promessa até ao ponto que Novecentos se afeiçoou e quer mover-se na sua direção). Quer descer a terra fascinado por uma promessa. Mas depois, quando já vai no terceiro degrau da escada que o levaria à desejada terra firme, volta atrás, com medo.

Novecentos nunca descerá daquele navio. Nem sequer anos depois, quando o decidem afundar. Novecentos explica a razão da sua posição a um amigo: «Eu nasci neste navio. E aqui o mundo passava, mas a duas mil pessoas de cada vez. E desejos havia-os também aqui, mas não mais do que aqueles que podiam caber entre uma

proa e uma poupa. Tocavas a tua felicidade, num teclado que não era infinito. [...] A terra, essa é um navio demasiado grande para mim. É uma viagem demasiado longa. É uma mulher demasiado bela. É um perfume demasiado forte. É uma música que não sei tocar. Perdoem-me. Mas eu não descerei»<sup>26</sup>.

Perdendo a relação com a realidade, ficamos sem capacidade de empenho, sem força e energia para amar a vida, sem capacidade de amor. Olhamos a vida com suspeita, com dúvida. Cantemos juntos *Canzone di Maria Chiara*.

### *Canzone di Maria Chiara*

## **TUDO RECOMEÇA COM UM ENCONTRO**

Seria preciso voltar a ser crianças, ou seja, voltar a olhar a vida como promessa. O que quer dizer, como diz esta canção, «para quem foi perseguido, / para quem chorou de noite, / para todos aqueles que amaram [...] / a minha casa estará aberta»<sup>27</sup>. Voltar a ser crianças quer dizer redescobrir como ponto de partida a promessa que se revela quando eu encontro a vida, ou seja quando embato num problema. Mas este voltar a ser crianças não é possível ao homem. O homem não é capaz de fazer sequer isso: ser ele próprio, com aquele primeiro gosto da existência, nem isto é possível ao homem. Por isso o homem é mendigo. Mas nós entendemos a necessidade como uma debilidade, como uma falta a superar, porque pensamos na vida segundo uma lógica de poder, pelo que o único objetivo é o de superar a debilidade, em vez de ser conscientes que eu sou esta falta, que a impotência é constitutiva do homem. Tanto assim é que no momento em que eu já não estou consciente da minha debilidade, já não sou homem, já não sou eu. O homem tem dificuldade em ser ele próprio, em mendigar, em pedir, em ser criança, e agarra-se ao próprio poder, ao próprio agir, à própria medida; não consegue ultrapassar uma lógica de poder, como se o problema da vida fosse «conseguir» e não «ser».

## **UMA GRAÇA**

O que impele o homem para fora desta dinâmica e para a decisão de ser ele mesmo é o encontro, uma graça. Vê-se na experiência descrita em muitos dos vossos contributos.

Escreve uma de vocês: «Querida contar como a minha vida está a mudar, finalmente comecei a viver! [Este é o sinal da mudança: «Finalmente comecei a viver!»] Estava cansada de dever abandonar-me à decadência, cansada de viver no desconforto fazendo escolhas e coisas erradas, estava cansada de me subestimar, cansada de crer que para mim não houvesse nada de bonito e de verdadeiro [porque a realidade, a vida, vivida com a minha medida ou no esquecimento, cansa]. Mas a verdadeira liberdade encontrei-a quando o padre Medina começou a fazer parte da minha vida [um encontro entra na minha vida e a partir daquele momento sou livre, «finalmente comecei a viver!», nunca ninguém tinha acolhido o meu desejo como o senhor fez, com um olhar, nunca ninguém se tinha arriscado a mergulhar naquele abismo que impedia o meu coração de olhar e aceitar a minha necessidade!». Releio: «Ninguém se tinha arriscado a mergulhar naquele abismo que impedia o meu coração de olhar e aceitar a minha necessidade!» Finalmente viver, ser livre, finalmente olhar a própria necessidade.

O que impele o homem a ser homem (o que impele o homem à decisão, o que torna o coração decidido no reconhecimento) é o encontro com uma presença que veicula, que nos traz algo de grande, aquele «divino escondido»<sup>28</sup> de que se falava

ontem. Então, encontrando aquela pessoa, de repente respira-se. Um outro escreve: «O ano de 2015 não começou particularmente bem: tive muitas notas insuficientes depois de recomeçar as aulas após as férias de Natal, não conseguia concentrar-me, perdendo tempo, passava os dias como um vegetal, escravo do mundo [tentativa do homem]. Para resolver este problema experimentei cortar com algumas coisas, pensando assim ganhar tempo: deixei de ir aos treinos, andava muito menos com os meus amigos... mas continuava, no entanto, a ter a mesma atitude diante das coisas [a tua tentativa não funcionou, mas continuaste]. Sábado, dia 7 de março, fui a Roma ao encontro com o Papa. Não me lembro de nada do que disse o Papa, estive todo o encontro com os amigos. À noite voltei para casa com um grande sentimento de vazio cá dentro, como se algo estivesse fora do lugar; sinto o desejo de ser amado por alguém como nunca alguém tenha sido amado. O centro do meu coração está vazio [o encontro, ir ter com o Papa, fez-me perceber quem sou eu. Eu sinto este desejo de ser amado como nunca alguém tenha sido amado. Sinto este vazio dentro de mim]. Na manhã seguinte, fazendo os trabalhos de casa na sala, em casa, voltei o meu olhar enfadado para o cartaz de Natal pendurado ali há três meses (não lhe tinha dado importância até àquele momento). Fiquei impressionado com a forma como Maria olhava para Jesus, com um olhar de doçura e tranquilidade indescritível. Preciso daquele olhar».

Na simplicidade dum encontro a vida, a visão do coração, recompõe-se. Uma pessoa pacifica-se consigo mesmo, é capaz de abraçar tudo, também as dificuldades, a morte, também aquilo que odeia, também aquilo que se faz sentir como contrário a nós mesmos. O encontro permite-me de começar a ser eu mesmo.

Mas tê-lo encontrado uma vez não basta. É preciso encontrá-lo agora, ficar com ele agora porque no momento em que a presença que veicula a grandeza desaparece, eu já não consigo ser eu mesmo.

A mesma jovem de há pouco continua: «Com o tempo assustei-me, decidi que não estava pronta e que nunca o estaria, que tudo aquilo era demasiado belo para mim [uma objeção que sentimos muito forte, muitas vezes, mas que, se pensarem nisso, é muito estúpida: reconhecer que tudo é demasiado belo faz-me medo. E isto é a dúvida, que não tem nada de razoável], sentia que não o merecia [mas claro! Não mereces nada e tudo te pertence], assim deixei tudo, vedando os olhos e fechando o coração mergulhei na decadência absoluta [no medo de sempre, bloqueada]. Depois, há poucos meses aquele olhar que já tinha recebido fez-se presente de novo, mas não era o mesmo olhar de antes, era o de uma pessoa da minha idade que não conhecia, e apesar disto [apesar de ser uma pessoa diferente], “libertou-me” daquele modo de viver a que tinha voltado. Ajudou-me a recomeçar a querer bem e a reconhecê-lo recomeçando dele, e dali recomeçar a agarrar em mim mesma e tomar conta de mim».

Um olhar que se reencontra em gente diferente, um olhar que liberta, que ajuda a recomeçar. Um olhar que encontra a sua correspondência no vazio que eu sinto, naquela falta que nos apetece pôr de lado, mas que pelo contrário é lugar privilegiado do encontro. Dizia o Papa Francisco na audiência de 7 de março: «O lugar privilegiado do encontro é a carícia da misericórdia de Jesus Cristo para com o meu pecado [para com o meu não ser, o meu ser nada]. [...] É graças a este abraço [...] que vem a vontade de responder e de mudar»<sup>29</sup>. É deste abraço que brota uma vida diferente.

A tentação para nós é cair na lógica do poder, pensando no meu pecado, na minha incapacidade, na minha impotência, no meu limite como algo que deve ser

ultrapassado com as minhas forças ou esquecido com o ruído ou com as explicações. É uma lógica de poder que afirma, sussurrando, que em último caso há algo dentro de mim que está torto à partida. Não! Não há nada de estragado neste teu ser espera, promessa que se revela em ação como mendicidade.

#### **A PESSOA TOMA CONSCIÊNCIA DE SI**

É só no encontro que o eu é despertado da prisão construída com as próprias mãos e é literalmente arrastado para fora do túmulo. É uma ressurreição, um tomar consciência de si. «O resultado dum encontro», dizia Dom Giussani, «é o suscitar do sentido da pessoa. [...] No encontro, a pessoa [o eu] toma consciência de si, por isso nasce como personalidade»<sup>30</sup>.

O olhar daquela pessoa que veicula a grande Presença, ou seja, o olhar de Cristo, torna-me consciente de mim, finalmente posso aceitar abraçar o fato de que eu sou desejo de infinito porque não me deixo limitar pela minha pequenez.

Mas isto não é automático. Diz um de vocês: «Este percurso é uma estafa, porque amar e confiar-se não é fácil, mas não há estafa mais bela que esta, uma estafa que te enche o coração dia após dia, ao contrário das coisas simples a atingir que, mesmo que interessantes, pouco depois fartam».

Vivendo radicados neste olhar encontrado, a estafa tem um sentido, a vida já não é objeção, as circunstâncias não são objeção, o meu pecado não é objeção, mas condição que, graças a Deus, me ajuda a ser consciente da falta, que Tu me faltas, consciente que tenho o desejo, a necessidade de ser salvo. É isto que afirmamos quando cantamos *L'uomo cattivo*, que nós somos necessidade e por isso desejo de infinito.

#### *L'uomo cattivo*

#### **O CÊNTUPLO**

É preciso renascer. E este renascer, como dizia Jesus a Nicodemos, não é algo que possas tu fazer com que aconteça; acontece num encontro. Mas o encontro não é o fim de um percurso. O encontro é o início duma aventura que continua, o início duma história destinada a investir toda a minha vida, a salvar, a invadir toda a minha vida. Pouco a pouco, a relação com aquele homem torna-se a raiz das minhas ações, entra osmoticamente a definir as minhas ações. É preciso renascer. Jesus disse a Nicodemos: «Quem não renascer do alto, não pode ver o reino de Deus». Respondeu Nicodemos: «Como pode um homem nascer quando é velho? Pode porventura entrar uma segunda vez no seio de sua mãe e renascer?». Como acontece a tantos de nós que se perguntam como se pode renascer. Jesus respondeu: «Em verdade, em verdade te digo, quem não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus. Aquele que nasceu da carne é carne e aquele que nasceu do Espírito é Espírito»<sup>31</sup>. Tu não podes ser tu mesmo, eu não posso ser eu mesmo, sem Ti, ó Cristo. Pelo que a pergunta da vida é como posso permanecer contigo. Porque é belo experimentar que finalmente posso viver, mas eu quero viver agora, e amanhã, e todos os dias, não só de vez em quando. Eu quero experimentar esta vida nova que vem de viver contigo. Por isso, é verdadeiramente traumatizante pensar que Tu não estás, Cristo. Porque se Tu não estás, eu não vivo. Eu quero experimentar agora e sempre mais esta vida nova, este cêntuplo, este cem vezes mais que experimentei quando senti sobre mim o Teu olhar. O cêntuplo é nesta vida, é uma glória terrena, é o experimentar uma vida que é finalmente vida.

Mas o cêntuplo é experimentado só por aqueles que deixam para trás, de lado, a própria medida e que não desviam o olhar de Cristo. É preciso descentrar-se, dizia o Papa, da nossa medida e centrar-se em Cristo, olhar Cristo. «Quem quer salvar a vida, perdê-la-á»<sup>32</sup>. Queres viver? Deixa de olhar para ti mesmo. Deixa de medir a vida segundo a tua ideia, porque Deus tem mais fantasia que tu, a promessa que te foi feita é cem vezes maior do que tu podes imaginar.

«Quem quer que tenha deixado casas, irmãos, irmãs, pai, mãe, filhos, ou campos pelo meu nome [diz Jesus], receberá cem vezes mais e terá como herança a vida eterna»<sup>33</sup>. Deixando tudo, a tua ideia sobre o que quer dizer amar, sobre porquê estudar, sobre o que é preciso ter, deixando todas as tuas imaginações e vivendo para Mim, diz-nos Jesus, encontrarás cem vezes mais. Ou seja, viverás cem vezes melhor a afeição ao pai e à mãe, terás cem vezes mais paixão no estudo, amarás cem vezes mais o trabalho, a namorada. O cêntuplo é aquele pré-desfrutar? Uma vida que é mais vida, uma afeição que é mais afeição. O cêntuplo é pré-desfrutar a vida como a desfrutava Jesus. É desfrutar a vida, olhar as coisas, as dificuldades, os momentos de alegria, como os olhava Jesus.

Dizia São Paulo: «Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim»<sup>34</sup>. O que significa renascer. Renascer quer dizer olhar a vida como a olhava Jesus. Mas isto tu não o podes fazer por ti, não sabes fazê-lo, não podes sequer imaginá-lo. Isto pode acontecer só se Ele está aqui e se tu permaneces centrado n'Ele. No tempo, estando com Ele, ficando com Ele, esta experiência da companhia de Cristo gera um sentir diferente, um juízo diferente, que contrasta com o pensamento dominante que não afirma outra coisa senão que a vida é um cansaço. É um juízo diferente daquele que nasce da minha medida, a qual é incapaz de se afeioar mais à vida. O cêntuplo não é um dilatar a tua instintividade, mas é algo de novo, é começar a experimentar o olhar de Cristo para a realidade. O cêntuplo é pré-desfrutar na minha carne o modo de viver de Cristo. Viver na carne, como dizia São Paulo, a vida da fé. O cêntuplo é pré-desfrutar em mim o modo de amar que me espantou, aquele modo de olhar o outro, aquele olhar que, sem te tocar, atravessa-te todo, realizando em ti e em mim um amor mais útil, um amor que antecipa, como estremecimento, a ternura eterna. Cantemos a *Ballata dell'amore vero*.

### *Ballata dell'amore vero*

#### **A SUA COMPANHIA MUDA A VIDA**

«O amor meu [...] / morre se não faz sol». «Eu queria querer-te bem»<sup>35</sup>, mas sem o sol o meu amor morre. Não é a tua medida, não é a potência das tuas mãos, não é a tua capacidade que possa mudar as coisas. A tua vida muda porque Ele está. Toda a nossa vida, os momentos mais belos da nossa vida são testemunho desta mudança: eu descubro em mim um modo de olhar que não é meu. Já não eu, já não vivo eu, mas é Cristo que vive em mim. Permanecer com Ele muda a vida.

Escreve um amigo: «Neste período sinto mesmo desejável e plenamente humana uma frase da Escola de Comunidade: “Deus [...] juntou-se ao caminho do homem e tornou-se-lhe companheiro”. Dei conta desta urgência na jornada com o Papa Francisco. Tinha-me feito tão bem que tive o desejo de contá-lo a uma amiga. Enquanto caminhávamos pela rua, deteve-me um vagabundo pedindo-me esmola. Inicialmente fui adverso, porque pensava contar uma coisa de tal modo importante que não aceitava ser interrompido. Todavia, o bem que tinha recebido do Papa tinha

sido tão grande que dei mesmo conta da necessidade de olhá-lo com aquela medida, também na relação com o Roberto (o vagabundo)».

Quando se é tocado pelo encontro a vida muda, sem se pôr antes sequer o problema de a mudar. O único problema é permanecer dentro desta relação: «Voltei atrás, e perguntei-lhe por que tinha acabado na rua. Ele contou-me toda a dificuldade e a desilusão da sua vida. Enquanto contava comovi-me porque via nele a mesma necessidade que a minha, a necessidade de Alguém que me salve, Alguém que tenha misericórdia da minha mesquinhez, Alguém que se possa juntar ao meu caminho. Porque sozinho perco o valor das coisas. O fato é que tive necessidade de o rever no dia seguinte, porque tinha feito nascer em mim todo o desejo de Jesus. Aí está, eu tenho mesmo necessidade de reparar em cada instante nesta urgência, porque só assim consigo olhar verdadeiramente a jovem por quem estou enamorado, um amigo que me pede ajuda na escola. Eu desejo ir ao Tríduo estando diante do sacrifício económico que a minha família tem de fazer porque não consigo viver sem Jesus».

Nós somos testemunhas deste milagre de mudança. O sujeito gerado pelo cristianismo tem a prova na própria experiência, no imprevisível milagre que acontece diante dos seus olhos: a transformação do presente: «Demonstra-o o fato que torna realistas todas as circunstâncias, “empenhados em todas as circunstâncias”»<sup>36</sup>.

Que este modo de viver, de amar, de olhar as pessoas entre em todo o meu agir e pensar, que estas palavras se tornem experiência cotidiana, experiência da vida; que estas palavras se tornem conteúdo do teu sentir: isto é o cêntuplo.

A afirmação da própria felicidade, ou seja, da realização de si, é a relação com Cristo, porque é só em relação com Cristo que eu posso viver plenamente as circunstâncias e os acontecimentos: «Portanto, a relação com Cristo é a verdade *destas* coisas, a verdade destas coisas está na consciência daquela Presença, na consciência daquela pertença. Em suma, esta é a fé que vive [na carne]: não é uma outra coisa, é uma modalidade subversiva e surpreendente das coisas habituais»<sup>37</sup>.

A única resposta ao pedido dramático de Stevenson só é possível com Cristo; apesar de viver na carne, vivo tomando o mundo de caras, trabalhando como todos, e conservando o primeiro e puro prazer da existência ou, como diz Dom Giussani, mantendo «na vida original simpatia ao ser e ao real com que nascemos, ser na vida verdadeiramente como crianças (ou pobres de espírito, diria o Evangelho), porque esta positividade continua diante da realidade não é senão ser crianças»<sup>38</sup>.

Mas para que este modo de agir, de viver, de amar, de olhar as pessoas entre no meu modo de viver e de pensar, para que estas palavras se tornem experiência quotidiana, experiência da vida, para que este cêntuplo se torne o meu modo cotidiano de sentir, é preciso jogar-nos dentro da vida permanecendo com Ele.

## **O ACONTECIMENTO PROSEGUE**

O acontecimento, o encontro prossegue só se uma pessoa arrisca toda ela própria nesta relação com Cristo, caso contrário permanece uma coisa do passado – certamente bela, porque senti algo de belo dentro de mim, mas do passado –; se eu não jogo todo eu mesmo na relação com Cristo, de modo que Ele possa entrar e fazer-me desfrutar o Seu modo de viver, então não posso ser eu. Escreve um de vocês: «Tudo, a escola, o estudo, em resumo toda a realidade que me circunda levou-me a descobrir que a única coisa que me torna alegre é seguir Jesus», estar com Ele.

Então, o que quer dizer permanecer com Ele, o que quer dizer jogar-se a si mesmo? O nosso amigo responde: «Lendo o livro do Gius, numa carta que ele escreve à irmã diz que para começar a tomar em mãos a própria vocação era preciso

entrar em relação e confrontar-se com um padre. Eu fiei-me deste seu juízo. [Por que te fiaste? Ouçam:] Porque desejo viver como ele vivia, e amar como ele amava ». Eu jogo-me com todo o meu eu mesmo porque desejo viver como vives tu. O encontro continua. Eu quero identificar-me com o modo com que tu olhas o amor, o estudo, a vida, como faziam os discípulos com Jesus: «Ouve, mas tu o que fazes com o dinheiro? Ouve, mas estes dizem que ao Sábado não é preciso caminhar, o que fazes?». Quero olhar a vida como a olhas tu, porque quero experimentar na minha vida o gosto que experimentas tu. Ele continua: «Comecei então a confessar-me com determinado padre; se antes estava, digamos, “bem comigo mesmo”, ou seja, a escola vai bem, namorada OK, casa está bem, [agora] comecei a relançar-me todo, com uma única pergunta: é isto que me pede Deus hoje? O que queres? [Jesus, o que queres da minha vida?] Porque desejo cumprir a Sua vontade e não a minha ideia. Tudo isto sobretudo na relação com a minha namorada». E conclui: «A experiência de Cristo é cada vez mais carne tanto que desconcerta qualquer meu esquema, nunca me senti tão grato e alegre; esta companhia, através da qual Cristo me conquistou o coração, dá-me uma certeza pela qual uma pessoa arrisca tudo em tudo, confia naquilo que vive, e começa a ser ciente de que não perde nada. A experiência vence qualquer ideia e imagem que tenho sobre mim. Antes acordava e dizia: “mas”, “talvez”, “quem sabe”, “pode ser que” [a dúvida]. Hoje digo: “Hoje é assim, amanhã não sei, mas sei que hoje é assim”. É a mudança da vida que a fé propõe».

Para poder jogar-se com todo o nosso eu é preciso chorar, é preciso pedir para ser simples como crianças, com um coração simples que se descentra, que não pensa na própria medida e se atira todo, se joga todo no desejo de olhar a vida como Tu a olhas, porque eu quero viver como Tu vives.

No momento em que nós perdemos esta tensão de arriscar tudo, de verificar que Cristo leva a minha vida a cumprimento, leva a vida a ser vida, no momento em que desistimos de arriscar e de correr o risco de chorar, então a vida reduz-se a projetos. A companhia, a amizade: todos belos projetos, belas tradições que recordam algo de belo que aconteceu, mas não acontece mais. É preciso, como dizia o Papa, «manter vivo o fogo e não adorar as cinzas»<sup>39</sup>. É preciso jogar tudo de nós mesmos agora. É preciso que reaconteça “aquilo” que aconteceu, agora, não “como” aconteceu ao início. Ouvimos numa carta: chegou um outro, um amigo, encontrando o qual me redespertei, me reencontrei livre, li a biografia de Dom Giussani e redescobri-me de novo e agora estou aqui no Tríduo. Tudo é permanecer com Ele, não como repetição mecânica do início, mas como impacto com uma diversidade, com uma humanidade que é diversa e que põe em movimento a minha origem, renova-me, faz-me renascer. É ser como crianças, abertos à promessa, aceitando o embate da realidade, pedindo, desejando ser como Tu. Isto permite-me ser eu mesmo. A vida é agora. O cêntuplo – a vida mais vida – pode experimentar-se agora. Basta pedir a Ele: «Fica comigo». Basta jogar-se e deixar que Ele faça: não eu, mas Cristo viva em mim. Ouçamos esta canção. É muito bela. *What can I say*.

*What can I say*

## **□SACRIFÍCIO**

### **O CÊNTUPLO LEVA AO SACRIFÍCIO**

O cêntuplo, a vida mais vida, inevitavelmente se apresenta aos nossos olhos como sacrifício. É inevitável, porque o cêntuplo propõe uma outra medida, não a minha, e



por isso implica a afirmação de uma presença em vez duma ideia minha. O descentrar-se de que falava o Papa em Roma implica um sacrifício. Queres viver? Deves perder-te a ti mesmo. Larga, porque a tua capacidade não chega lá. Larga! Mas aquele pouco que temos, temos medo de o abandonar, porque nos vem ao pensamento: agora temos pouco, mas se o largarmos, não nos sobra mesmo nada. Não! Abraça a tua impotência, ou seja, o fato que tu és desejo de outro e não um “pequeno nada”. Não há um ato, um agir humano verdadeiro e bom, que não implique a consciência deste sacrifício. E se tu não sentes este sacrifício, então o teu agir não é verdadeiro, é ainda à medida das tuas mãos, é expressão do teu pequeno poder.

### **O SACRIFÍCIO É CONDIÇÃO E NÃO OBJECÇÃO**

A dor, o sacrifício que nós tantas vezes sentimos como objeção, Jesus propõe-o como a única condição para que a nossa ação seja verdadeira. «Não tu, mas Eu» diz Cristo, «não a tua vida, mas a Minha. Queres viver? Larga a tua pequena medida!». O sacrifício, então, não é objeção, mas condição para que a posse seja verdadeira. É aqui que se recomeça o jogo e tu deves escolher: ou afirmas a tua medida, a tua capacidade, e como resultado perdes a vida, não choras mais, vives como vegetal, como marionete, ou deixas que entre Deus naquele vazio que sentes dentro de ti, e te jogas todo com Ele presente. É nesta escolha que se joga toda a vida.

### **O SACRIFÍCIO SÓ É POSSÍVEL PORQUE JESUS MORRE NA CRUZ**

Este perder-se, nós sentimo-lo como um escândalo. De fato, viver assim torna-se-nos impossível, parece-nos impossível para um homem viver a vida verdadeiramente. Eis, por isso, a misericórdia do Mistério de Deus, que diante do teu pedido, diante do teu desejo de ser tu mesmo, para salvar o homem, Cristo se fez sacrifício. Cristo na cruz fez-se pecado para reconstruir a tua humanidade. Ele não chegou para te condenar, mas tomou sobre Si aquilo que tu descartas. Cristo tornou-se pecado para que assim a tua vida possa reflorescer e tu possas viver. Ele tomou a iniciativa. Cristo disse: «Deixa que faça Eu, larga as tuas tentativas».

Deus na Sua misericórdia escolheu salvar o homem usando aquilo que o homem descarta, aquilo que tu sentes como lixo, como escândalo. São Paulo declarava: «Nós pregamos Cristo crucificado, escândalo para os Judeus, loucura para os pagãos [...]; porque aquilo que é loucura de Deus é mais sábio que os homens, e aquilo que é debilidade de Deus é mais forte que os homens»<sup>40</sup>.

Cristo salva a tua vida, dá vida à tua vida através do gesto que a nós parece o mais impotente de todos: morrer. Jesus salvou a vida morrendo, abraçando a impotência da morte que tu e eu descartamos todos os dias. Por isso abraçar o sacrifício é possível só ao homem que olha comovido e estupefato Jesus, mas Jesus na cruz, estupefato pela gratuidade de Deus. Diz São Paulo: «O amor de Cristo nos impele [...] E ele morreu por todos, para que aqueles que vivem não vivam mais para si mesmos, mas para aquele que morreu e ressuscitou por eles»<sup>41</sup>. Ele morreu abraçando aquilo que tu descartas, aquilo que te faz nojo, fê-lo para que tu não vivas mais por ti mesmo, mas por Ele.

A capacidade de abraçar o sacrifício, de viver a vida com esperança, de chorar, de pedir para ser homens nasce do estremecimento pelo amor de Cristo, da preferência experimentada do amor de Deus por mim. Esta é a raiz da nossa libertação. Cantemos juntos.

## *Liberazione n. 2*

Convido-vos a viver estes dias contemplando a fantasia de Deus, que se serve daquilo que tu descartas para te dar a vida. A única coisa que nos é pedida é dizer sim com simplicidade, o que quer dizer olhar com coração puro aquilo que acontece diante de ti. Dá a prioridade à realidade que te é proposta. Deixa que a realidade abra dentro de ti a problemática da vida. Deixa-te tocar, diz que sim. O silêncio, as indicações, as orações, as canções, são todas ocasiões para te ajudar a estar diante dEle, a dizer “eu” com verdade.

**VIA SACRA, JOSÉ MEDINA**  
*3 de abril, sexta-feira à tarde*

\*\*\*

Permanecer com Cristo é a única possibilidade duma vida plena. Estar aqui hoje com Ele, viver a memória dEle na cruz é a oportunidade de entrar no mistério maior e mais dramático da nossa vida. A dificuldade e a dor, a morte que nos assusta ao ponto de acusar aquela realidade como contrária, como objeção, Cristo abraça-a. O seu morrer na cruz representa a possibilidade para nós de abraçar tudo e viver em plenitude. Que estes momentos juntos sejam plenos de identificação com Ele para aprender a viver, para aprender a morrer como homens.

\*\*\*

A carne de Jesus é frágil. Jesus não queria morrer, não queria sofrer. E é por isso que pede ao Pai para O acompanhar e pede também aos amigos para ficar com Ele: «Permanecei em mim»<sup>42</sup>. Mas Ele é abandonado por todos, abandonado pelos amigos no momento de sofrimento maior da Sua vida. Ele é abandonado pelos Seus amigos, traído pelo beijo de um amigo. Eis o momento da liberdade de Deus: diante do amigo, diante do amigo que trai, diante do amigo que abandona, diante daquela circunstância, diante do fato que Ele tinha vindo para eles e eles não O queriam, que Ele tinha vindo para permanecer com eles e eles dormiam, Jesus diz ao Pai: «seja feito como tu quiseste»<sup>43</sup>.

\*\*\*

Jesus ouviu dizer ao povo de Deus, ao povo do Seu Pai, a César ao povo dos romanos: «As coisas que dizes são belas, não são injustas, mas aqui, neste mundo, não servem; neste mundo não interessam, porque neste mundo o que conta é o poder». Jesus ouviu dizer mesmo isto: «Tu vieste, mas nós não estamos interessados porque nos interessa só o nosso poder.

Na Sua missão, no caminho em direção à cruz Ele ouviu dizer que tudo isso não tinha qualquer significado, qualquer sentido, não era apreciado por ninguém e nem sequer temido por ninguém. Ele era sem poder. E é exatamente abraçando a impotência daquele gesto, subir à cruz, que Ele continua a afirmar a verdade: «Eu sou tudo; Eu, não o teu poder, sou tudo». Mas nada, ninguém podia retirar a bofetada, retirar o insulto, retirar a certeza de ter vindo a este mundo dizer estas coisas, ouvir estas coisas e encontrar-se abandonado pelos amigos, traído pelos amigos e em última instância com ninguém interessado, porque Ele não é poderoso. Jesus responde a isto simplesmente abraçando a impotência, tão temida pelo homem, para tornar o homem verdadeiramente homem.

\*\*\*

Jesus pregou na cruz também todas as nossas objeções. Já não há objeção que possa ser sustentada razoavelmente. Morreu traído, abandonado, desprovido de tudo, sem poder, e de todas aquelas coisas de que nós nos amedrontamos Ele extraiu a

salvação. Ele tinha de morrer para mostrar a natureza de Deus que me ama a mim, mesmo quando O traí, abandonei, mesmo quando O insultei porque não tinha aquele poder que esperava que tivesse. Cristo fez ver a natureza de Deus e também a natureza do homem: que tu és amado porque és de Deus, não porque tens poder, não porque possuis coisas. Tu, tu és digno, misteriosamente digno do amor de Deus.

## TESTEMUNHO DE DAVIDE PROSPERI

4 de abril, sábado de manhã

*Angelus*

*Laudes*

*Canzone dell'ideale*

**Alberto Bonfanti.** As perguntas que chegaram demonstram que fomos impressionados pelo que foi dito, pelo que vivemos. E este é um primeiro dado a não descuidar, mas de onde começar o nosso trabalho pessoal, porque devemos dar-nos conta do que verdadeiramente nos tocou, devemos perceber em que é que consiste a verdade do que vivemos. Das perguntas que chegaram emergiram muitas questões que puseram com a lealdade e a sinceridade que vos distingue; agora quero retomar sinteticamente aquelas que nos parecem mais decisivas.

A primeira: antes de mais a questão da dúvida. Alguns defendem firmemente a positividade da dúvida: «A minha pergunta é ligada àquilo que diz o Medina a respeito da dúvida. Eu sou feita de dúvidas desde há um ano a esta parte e irritou-me que o Medina tenha dito que as dúvidas desviam o olhar e que não fazem viver a vida a fundo. Sem dúvidas o que é que faço? Dou tudo por certo? Eu preciso das minhas dúvidas, ajudam-me a perceber a realidade das coisas e também me incomodou o fato que ele tenha dito que as dúvidas não são baseadas na realidade. Se me vem uma dúvida, há algo que me leva a duvidar. Para mim a dúvida é sã». Outros entendem a sua periculosidade, mas não sabem libertar-se delas: «Entendi a verdade do que era dito. Correspondia-me. Mas de imediato se insinuou a dúvida: mas se não fosse verdadeiro? O insinuar-se desta dúvida distraía-me do que o Medina tinha dito. E isto incomodava-me. Pelo que me vem a pergunta: como se faz para não duvidar também duma coisa verdadeira?».

Uma segunda ordem de perguntas é esta: como é que o impacto de verdade recebido pode durar? «Muitas vezes arrisco viver estes momentos de grande intensidade e imediatamente, quando volto ao mundo, perco esta clareza. Mais o momento é belo, mais a recarga é longa e por algum tempo arrisco a tê-lo claro, mas depois volto a perdê-lo». E ainda: «Volto das férias ou do Tríduo: estou feliz. Mas isto dura dois dias. Esta vez vivi cada instante com intensidade, estou novamente feliz, mas como posso esperar de não ficar de novo desiludida?». Ou então, segundo uma outra formulação: «Fiz um encontro, vivi um momento de vida autêntica que me encheu duma segurança capaz de me fazer enfrentar tudo, de fazer-me sair do porto em direção ao mar aberto. Muitas vezes acontece porém que no momento em que me encontro a embater nas dificuldades da vida me sinto esvaziado daquela segurança que parecia ter-me tomado todo. Tu dizias que é necessário que o encontro reaconteça sempre. O que quer dizer então que este ímpeto pode permanecer sempre e não esmorecer-se no primeiro obstáculo?».

Um terceiro grupo de pessoas pergunta: este impacto de verdade que vivemos, que nexos tem com Cristo, com o encontro com Cristo? «Acabei de encontrar a comunidade. E aqui tocam-me, comovem-me tantas coisas. Percebo o que seja o encontro com uma pessoa que me sabe redespertar e fazer sair do mecanismo em que vivo, mas não percebo a passagem deste fascínio que vivo para Cristo».

Por fim, a última questão tem a ver com o cêntuplo: em que sentido este impacto de verdade gera o cêntuplo, gera aquela vida autêntica que todos desejamos? «Mas

vocês experimentam este cêntuplo? O que é este cêntuplo? E porque é que implica o sacrifício?».

Ora, diante destas e outras questões que emergiram, este ano pareceu-nos que o modo melhor de introduzir a um caminho de resposta fosse propor-vos o testemunho duma pessoa que vive até ao fundo a sua razão e a sua liberdade, porque o cristianismo é um caminho para homens que não renunciam à própria razão e à própria liberdade. E isto tem um valor metodológico, porque testemunhas, gente que vive com certeza temo-los no caminho e nós devemos agarrar-nos a eles. Isto tem a ver com aquele jogar todo eu mesmo na relação com Cristo de que falava o Padre José. Para mim sempre foi assim: seguir o que me atrai até ao fundo em tudo o que me atrai, porque a primeira resposta às perguntas que nos vêm não é uma definição correta, mas um lugar onde colocar a pergunta, como a criança com o pai, como os apóstolos com Jesus, como uma jovem, que depois da assembleia no hotel disse a José Medina: «A tua certeza é um caminho para mim»; esta é a experiência de muitos de nós nestes dias.

Davide (vice-presidente da Fraternidade de Comunhão e Libertação, ou seja, da nossa grande companhia, e professor de Bioquímica e investigador de nano tecnologias para a Medicina na Universidade de Milano-Bicocca), que agradecemos estar aqui hoje conosco, é uma destas grandes testemunhas e é um dos grandes amigos da minha vida. Pedimos que nos ajudasse através do testemunho da sua vida.

**Davide Proserpi.** Obviamente não vos contarei toda a minha vida, porque senão estaríamos aqui até amanhã! Queria partir do que aconteceu ontem: participei na vossa, na nossa, Via Sacra passados vinte e cinco anos desde que estava na GS (desde então, vivi muitas até hoje), e fiquei impressionado – como penso que a maior parte de vocês, espero todos – pela beleza do gesto. E exatamente por isto despertou imediatamente uma grande pergunta: o que é esta beleza diante das contradições do mundo? Como ouvíamos também ontem das palavras de quem guiava o gesto, Cristo continua a ser crucificado hoje, em mim e no mundo. Pensava nos mártires – é caso de o dizer – no Quênia, aqueles cristãos que há poucos dias foram massacrados em nome da fé. E então o que quer dizer esta beleza, como pode esta beleza trazer consigo toda esta contradição de mal e de incompreensão? Devo dizer que fomos muito ajudados pelo gesto. Quem o viveu a fundo pode identificar-se com o que acontecia. Identificar-se quer dizer sentir aquilo que sentia quem estava ali, a partir de Jesus. A um dado momento, perguntei-me – assim como me tinha perguntado há vinte e cinco anos, a primeira vez que participei num gesto como este: por que Jesus, que tinha poder sobre toda a realidade, um homem que era capaz de devolver a vista ao cego, de pôr de pé um estropeado, de ressuscitar um morto de quatro dias, aceitou morrer?

Não há nada de mais incompreensível do que isto para nós, por como estamos habituados a raciocinar. Para nós, que encontramos a máxima satisfação em poder realizar o nosso destino, em encontrar gosto na realização do que esperamos, tudo isto não tem a ver, e no entanto o Filho de Deus aceitou exatamente isto. Obedeceu, ou seja, participou da única modalidade com que também nós podemos viver para cumprir o nosso destino, como Ele o seu. Se tivesse feito algo de diferente daquilo que poderíamos viver nós hoje, que identificação poderia existir para mim hoje? Aceitou aquilo que para nós é impotência, porque no mundo de que nós somos filhos, no nosso modo de pensar, a impotência é sinónimo de infecundidade, ou seja de incapacidade de gerar um bem, é um sentir-se incapaz diante das coisas. Mas

ontem vivemos o oposto disto, ou seja – como dizia o José – que a impotência pode tornar-se origem, gênese de uma fecundidade nova. Se se deram conta – eu reparei – nas estações da Via Sacra ouvíamos o *Stabat Mater*, que descreve o que fazia Maria diante do Filho na cruz; e ouvíamos-lo porque, se queremos entender, tentar entender o que estava a acontecer aquele dia, devemos olhar aquela mulher, a Mãe, a única que entendia. Maria estava, «estava a mãe cheia de dor», ou seja, participava, fazia companhia ao seu filho. Que mais podia fazer? Por que Maria não subiu à cruz e não o tirou para baixo, porque não se pôs a gritar contra os carneiros romanos? Porque era a única que entendia que daquele modo se estava a cumprir o destino do seu Filho, e através dEle, o destino do mundo.

Eu quero aprender a olhar assim. Quero aprender a ver as coisas como ela as via, as coisas que temos tanta dificuldade em ver porque para nós a realidade é só aparência, tantas vezes. Por isso somos tão assaltados pela dúvida, como se dizia. Porque eu – quero contar-vos um primeiro episódio da minha infância – estava, exatamente como a nossa amiga, não sei se cheio de dúvidas, mas certamente cheio de inseguranças, porque perdi o pai quando tinha seis anos; e sem o pai uma pessoa dá conta da ausência duma presença que te introduz na realidade. Recordo que quando era pequeno e ia ter com o meu avô estava cheio de perguntas... mas devo contar-vos o que aconteceu antes da morte do meu pai.

O meu avô tinha tido um outro filho, que morreu em criança de meningite fulminante; a sua mulher não podia ter mais filhos e vendo o marido tão provado, fez um voto, que é que estaria disposta a dar a vida se pudesse ter um outro filho. Depois de alguns anos engravidou novamente, mas logo os médicos lhe disseram que devia interromper imediatamente a gravidez porque a criança não poderia nascer e além disso ela estava em risco de vida. Mas ela tinha dito que estava disposta a dar a vida, porque estava certa que esta gravidez lhe tinha sido dada por Deus. Assim, levou a gravidez a termo. E nasceu o meu pai – de outro modo eu não estaria aqui a contar-vos –, mas a minha avó morreu no parto. O meu pai morreu com trinta e três anos, num acidente. Eu lembro-me que quando éramos pequenos, eu e o meu irmão íamos a casa dos avós durante as festas e aos oito, dez anos – com o entendimento que pode ter uma criança daquela idade –, olhávamos para o avô e nos perguntávamos: o que torna um homem a quem foi tirado tudo ainda certo que a vida não é um engano? Porque é isto que tínhamos diante dos olhos: certamente um homem provado, dobrado pela vida, mas não vencido, um homem de fé.

Então, esta pergunta, que de um certo ponto de vista eu sentia tão contraditória com as inseguranças que vivia, nunca me deixou tranquilo: é possível viver assim diante de tudo, sem que seja uma ilusão, sem que seja uma mentira? Saltando tudo o que aconteceu entretanto, queria falar-vos do que representou para mim a resposta verdadeira a todo este drama que vivi por muitos anos, e que contudo ainda vivo, porque a vida, se não é dúvida, é problema. Como diz a Escola de Comunidade: a alternativa à dúvida não é a segurança; a alternativa à dúvida é o problema<sup>44</sup>. Quer dizer que a vida coloca problemas, porque não está tudo já resolvido, e isto põe-nos em movimento. A grandeza de um homem vê-se pelo fato que não se rende, e não pelo fato que sabe responder de imediato a tudo. Por isso, fazendo um salto de anos, chego ao meu verdadeiro grande encontro, que aconteceu em 1994, durante os Exercícios espirituais, na altura em que andava na universidade. O título – que parecia feito para mim – era «Reconhecer Cristo». Isto interessava-me: como é que se reconhece que o que o meu coração espera é mesmo Ele? Estava o Dom Giussani – de fato era a primeira vez que o via assim de perto –, que começou a falar citando

uma frase de Kafka: «Existe um ponto de chegada, mas nenhum caminho»<sup>45</sup>, existe a meta, mas não existe a via para a alcançar. Aí está, este era o meu problema. Eu entendia, sentia que queria viver por algo de grande, desejava que a minha vida não fosse deitada fora, que não fosse definida só pelo tempo que passa e te devora a pouco e pouco, mas que fosse vivida por um ideal, como acabámos de cantar. Mas este ideal onde está? Esta, para mim, era “a” questão.

Para responder a esta pergunta é preciso começar a fazer experiência do fato que este ideal tem a ver com a tua vida, com as coisas que vives, com as coisas que sentes, com os problemas que tens, com o interesse que tens por aquele moço ou aquela moça, pelo estudo, ou com o não interesse que tens pelo estudo, com a dificuldade que tens, com os problemas que tens com os teus pais. O ideal deve ter a ver com tudo isto, senão que ideal é? Seria inalcançável, ou seja, «não existe o caminho».

Para responder a esta pergunta, Dom Giussani começou a contar sobre João e André, os primeiros dois que encontraram Jesus. Ainda me vêm arrepios em lembra-lo, porque enquanto falava eu revivia aquele episódio como se estivesse estado lá. Entendia-se que para ele era como ter estado lá, ao lado daqueles dois, e pouco a pouco nascia em mim a pergunta: mas como é que consegue? Mas como é que pode dizer estas coisas? Contava até aquilo que tinha dito André quando, tendo voltado a casa, encontrou a mulher que o tinha visto diferente. Podem vê-lo no vídeo que foi publicado com o *Corriere della Sera* pelos dez anos da morte de Dom Giussani<sup>46</sup>. Como é que podia dizer aquelas coisas? Porque, evidentemente, para ele esta era uma experiência presente, ele vivia agora aquilo que tinha acontecido naquela altura. Lembro-me que, enquanto o ouvia falar, a pouco e pouco crescia em mim o desejo de poder viver – que talvez também para mim, tão inseguro, tão incapaz, teria sido possível viver – aquilo que vivia ele.

Para dar a entender como esta coisa ainda é viva, que esta experiência é experiência agora, a determinado momento leu uma carta que, desde então, eu tenho sempre na minha pasta, ainda que seja de há vinte anos; de fato as coisas importantes – entre as vossas perguntas havia também esta: como se faz para não perder tudo amanhã? Bem, rapaziada, é preciso fazer memória! – não se podem jogar fora, porque quando uma pessoa se esquece delas pode tornar a rever aquilo que o conquistou, e assim dá-se conta que aquilo que o conquistou ainda está presente. Se me conquistou, está sempre comigo. Dom Giussani leu então, entre vários testemunhos, a carta de um rapaz doente de AIDS que tinha morrido dois dias depois de ter escrito a carta. A AIDS é ainda uma doença que não se cura, mas hoje, depois de vinte anos, há terapias que te permitem tratá-la; enquanto que naquela altura morria-se de AIDS e sobretudo morria-se mal, entre dores atrozes e na total solidão e desdém de si, porque a AIDS era a peste do fim do século passado, uma doença de pestilentos, era o sinal da desordem da vida, da imoralidade, e nós vivemos num mundo moralista. Bom, este rapaz escreveu que depois de alguns anos tinha encontrado um seu ex-companheiro de liceu – que agora está nos *Memores Domini* –, e endereçou a carta a Dom Giussani, que nunca tinha encontrado.

«Caro Dom Giussani, escrevo-lhe chamando-lhe caro, embora não o conheça, nunca o tenha visto, nem nunca o tenha ouvido falar. Ou melhor, para dizer a verdade, posso dizer que o conheço, porque, se compreendi alguma coisa d'*O sentido religioso* e daquilo que me disse o Ziba [o seu amigo conheço-o através da fé e, acrescento eu agora, graças à fé. Escrevo-lhe somente para lhe agradecer, agradecer pelo fato de ter dado um sentido a esta minha vida árida. Sou um colega



de universidade do Ziba, com quem tive sempre uma relação de amizade, porque, mesmo não partilhando a sua posição, me tocou sempre a sua humanidade e a sua disponibilidade desinteressada [que é o único modo com que podemos gritar a outro e a todo o mundo: «Cristo é verdadeiro»]. Penso ter chegado ao termo desta atormentada vida, trazido por aquele comboio que se chama AIDS e que não dá tréguas a ninguém. Agora, dizer estas coisas já não me mete medo. O Ziba dizia-me sempre que o importante na vida é ter um interesse verdadeiro e segui-lo. Este interesse persegui-o eu muitas vezes, mas nunca era o verdadeiro. Mas agora vi-o, vejo-o, encontrei-o e começo a conhecê-lo e a chamá-lo pelo nome: chama-se Cristo. Não sei propriamente o que é que isto quer dizer, nem sei como posso dizer estas coisas, mas quando vejo o rosto do meu amigo ou leio *O sentido religioso*, que agora me acompanha, e penso em si ou nas coisas que o Ziba me conta de si, tudo me parece mais claro, tudo, até o meu mal e a minha dor. A minha vida esmagada e tornada estéril, como uma pedra lisa onde tudo escorre como a água, ganha um sobressalto de sentido e de significado que varre os pensamentos maus e as dores, aliás, abraça-os e torna-os verdadeiros, fazendo do meu corpo pútrido e cheio de larvas sinal da sua presença. Obrigado, Dom Giussani, obrigado por me ter comunicado esta fé ou, como lhe chama, este acontecimento. Agora sinto-me em paz, livre e em paz. Quando o Ziba recitava o *Angelus* diante de mim, eu blasfemava-lhe na cara, odiava-o e dizia-lhe que era um covarde porque a única coisa que sabia fazer era dizer aquelas orações estúpidas diante de mim. Agora, quando tento dizê-lo com ele, a balbuciar, percebo que o covarde era eu, porque não via nem a um palmo do nariz a verdade que estava diante de mim. Obrigado Dom Giussani, é a única coisa que um homem como eu lhe pode dizer. Obrigado, porque no meio das lágrimas posso dizer que morrer assim agora tem um sentido, não porque seja mais belo – tenho um grande medo de morrer – mas porque agora sei que há alguém que me quer bem e que se calhar eu também me posso salvar e posso também rezar para que os meus companheiros de cama encontrem e vejam o que eu vi e encontrei. Assim sinto-me útil, repare, apenas usando a voz sinto-me útil; com a única coisa que eu ainda consigo usar, posso ser útil; eu que deitei fora a vida posso fazer o bem apenas dizendo o *Angelus*. É impressionante, mas ainda que fosse uma ilusão, esta coisa é demasiado humana e razoável, como diz n' *O sentido religioso*, para não ser verdadeira. O Ziba pendurou sobre a minha cama a frase de São Tomás: “A vida do homem consiste no afeto que principalmente o sustem e no qual encontra a sua maior satisfação”. Ao escrever-lhe esta carta, penso que a minha maior satisfação seja a de tê-lo conhecido [nunca o vi!], mas a maior ainda é que na misericórdia de Deus, se Ele quiser, conhecê-lo-ei lá onde tudo será novo, bom e verdadeiro. Novo, bom e verdadeiro como a amizade que Dom Giussani trouxe à vida de muitas pessoas e da qual posso dizer que “também eu faço parte” [vale também para mim este «também eu faço parte!»], também eu nesta vida suja vi e participei deste acontecimento novo, bom e verdadeiro. Reze por mim; eu continuarei a sentir-me útil no tempo que me resta a rezar por si e pelo Movimento. Abraço-o. Andrea<sup>47</sup>.

O encontro verdadeiro (não quando dizemos por dizer: «Sim, fiz um encontro...») é sempre – sempre! – o reconhecimento definitivo duma presença na vida. Definitivo: podes ir embora, podes tentar arrancá-lo de cima de ti, mas tem-no em ti para sempre. O encontro verdadeiro é este: define a vida, que então é dada, assume um novo significado como dada para conhecer mais, para conhecer sempre mais aquilo que se encontrou, para aprofundar este conhecimento que é um

conhecimento, como dizia sempre Dom Giussani, afetivo; é um apego o modo através do qual cresce este conhecimento, não é um raciocínio, não é que nos esforçamos para explicar-nos as coisas com uma conversa, como se devêssemos entender tudo antes de nos mover-nos; não, é um apego, é um seguir. Como aconteceu àquele rapaz doente de AIDS. O encontro toma-te onde estás, e tu deves decidir se levas a tua vida atrás daquilo de verdadeiro que encontraste.

Naquele momento eu entendi – isto entendi-o imediatamente – que para conhecer aquele Cristo de que se podia falar assim, de que Dom Giussani falava assim e de que este rapaz na condição em que estava falava assim, devia procurar agarrar-me, seguir, conhecer quem me testemunhava isto, como dizia antes o Alberto. E então entendia que devia conhecer aquele homem. E insisti, insisti, até que fui capaz de encontra-lo pessoalmente. Começou assim uma amizade, que se alargou porque eu tinha os meus amigos e todos fomos investidos por esta coisa nova, pelo que tudo no nosso tempo, no nosso dia, no estudo, naquilo que fazíamos, tudo era determinado pela experiência que nascia cada dia, que se renovava cada dia seguindo aquilo que acontecia naquele homem, vendo o que acontecia em nós, em cada um de nós. A nossa amizade era toda determinada por isto, como dizia o Andrea. Tanto assim é que, junto com a carta publicada na *Passos*<sup>48</sup> depois da morte deste rapaz, na revista sobressaía uma imagem que é – conhecem-no, creio – o quadro de Burnand<sup>49</sup> que retrata Pedro e João que correm para o sepulcro vazio de Jesus na manhã da ressurreição, porque aquele é precisamente o sinal maior da nossa amizade, é o que explica mais o que é a nossa amizade: é um correr juntos, é um tender juntos. Nos olhos de Pedro via-se todo o seu sentido de traição, tudo aquilo que tinha vivido, e junto com isso toda a extraordinária tensão para ver a vitória de Cristo. Correm juntos.

Desde aquele dia esta começou a ser a companhia maior da minha vida, ou seja, amigos com quem correr junto por aquilo que investiu a nossa vida e que cada dia, dia após dia, nos pede, nos provoca, nos pergunta, para ser mais conhecido. E é neste responder que se descobre o que é o cêntuplo. Poderia contar-vos muitos exemplos, mas conto só alguns. Há uns poucos anos fui a umas férias de finalistas e fiquei muito impressionado pelo fato que aqueles rapazes tinham tantas perguntas como vocês; sobretudo no momento em que se avizinha a decisão sobre o que fazer depois, o que escolher, e diante do problema da vocação, de que coisa me é pedida na vida, começa-se a sentir a urgência de tantas perguntas, deseja-se que a vida se defina de alguma maneira. A coisa que me tinha tocado era que, junto com este desejo que a vida se defina, pudesse definir-se, havia também o desejo de não perder, ou então, digamos assim, o medo de perder esta grandeza de desejo que sentiam sobre si, porque uma pessoa sente-se feita para o infinito, ou seja que não há nada, nada com que a vida se pode identificar que responde completamente à grandeza do meu coração. Esta situação era percebida como contradição, continuamente emergia esta contradição: «Eu quero entender o que fazer, mas tenho medo de perder tudo o resto»; parece impossível pensar em tomar a sério a relação com um moço ou uma moça pensando que não se perde tudo o resto, todas as outras possibilidades, em consequência parece impossível que uma relação seja estável. Ou então parece impossível meter-se a estudar uma certa coisa durante cinco anos escolhendo uma direção particular, como quem diz: «E todas as outras coisas? Eu também gosto de tudo o resto, gosto da literatura, gosto da ciência, gosto de...». A pouco e pouco naqueles finalistas emergia o fato que a verdadeira pergunta era que o infinito pudesse interceptar-me a mim, onde estava eu, não que eu pudesse ter todas as coisas à disposição.

Diante disto pensava: à medida que a vida se definir porque escolherão certas coisas o porquê as coisas vos acontecem (a vida, de fato, não se define só por aquilo que queremos nós), à medida que tudo isto acontecer, não percam nunca, não abandonem nunca esta pergunta e este desejo de infinito. Os ditos adultos, velhos, idosos vos dirão: «Olhem, estas são as coisas que se sentem aos dezenove anos, mas depois aos quarenta, cinquenta, sessenta anos a vida demonstrar-vos-á que não é assim, que este desejo pouco a pouco se restringe, se reduz, pelo que é preciso contentar-se». Não é verdade! Juro-vos que não é verdade! O cêntuplo é precisamente a experiência que não é verdade que é preciso contentar-se, que o desejo pode crescer sempre mais, que quanto mais se encontra a satisfação da vida, tanto mais o desejo não se esgota, mas cresce. Como dizíamos ontem: quando chegamos ao cêntuplo? Não se chega ao cêntuplo, o cêntuplo não é uma meta. De fato, o cêntuplo não é o cem, mas o cêntuplo, ou seja, é um fator de multiplicação, é sempre mais. Por isso, andando para a frente, seguindo a vida verdadeira, seguindo o fascínio do ideal verdadeiro da vida, tudo adquire em ti um gosto sempre maior, que nem sequer imaginavas, pelo que te das conta que aquilo que para ti era tudo, era ainda pouco, há muito mais.

Por isso, a vida que encontramos é uma promessa. Nós não a vemos já cumprida, não a vemos já realizada, exatamente porque é uma promessa que se cumpre no tempo. E é nisso mesmo que está o gosto de viver, porque é uma promessa que devo ainda descobrir, senão teria já tudo acabado. Quando temos a sensação de possuir o que fazemos, de ser donos do que estamos a fazer porque as coisas funcionam – de fato não respeita só as coisas que vão mal, e então uma pessoa apercebe-se da urgência dum significado, mas também as coisas que vão bem –, a maior parte das vezes sentir-se dono das circunstâncias que vivemos é por uma superficialidade, não é o sinal de que crescemos. É verdade que tantas coisas se podem compreender imediatamente, mas muitas vezes não é assim; então isso torna-se para nós uma contradição, e parece-nos perder o gosto. Mas a semente que metem na nossa vida tem um desenvolvimento que podemos não ver de imediato, porque quando a semente é posta na terra, há um período em que cresce e não se vê, só o vê quando começa a dar os frutos. Mas todo o problema da semente é permanecer agarrada à terra e que não seja arrancada. Se há uma coisa que nos bloqueia é que não entendemos a dificuldade. Não é que tu não entendas que te é pedido algo, tu entendes, mas não aceitas a fadiga que isso comporta. Para aceitar a fadiga é preciso ter as razões e é preciso permanecer agarrados às razões verdadeiras; se estás a estudar, há uma razão, um motivo pelo qual o fazes, mesmo que te custe naquele momento. Perguntar-se pessoalmente as razões é a primeira companhia que nós temos, não é que te deve dar necessariamente outro. E de fato, é precisamente porque normalmente não nos perguntamos porque fazemos as coisas que nos sentimos tão sós ao vivê-las. O desafio do cêntuplo é que aquilo que nós esperamos é mais do que aquilo que fazemos. Esta é a aposta: há um “mais” do que a imagem que temos. E então uma pessoa percebe como vertigem o fato que dentro da realidade há uma presença que me faz esta promessa, da qual eu encontro o sinal no desejo que tenho e que não pode ser esmagado.

Há um ano, mais ou menos nesta altura, descobri que tinha uma doença muito grave, mas ao início não se percebia qual fosse. Pelo trabalho que faço, tinha já muitos indícios e no meu coração sabia já de que coisa se pudesse tratar, mas até que os médicos te dizem exatamente o que tens, continuas a esperar que seja algo de menos grave. A um dado momento, clarificou-se o que era e então foi necessária

uma intervenção cirúrgica. A intervenção correu muito bem, agora estou bem, devo só fazer controles periódicos. No período em que não era ainda claro o que tinha e o que me esperava, comecei a me dar conta muito dramaticamente da pergunta sobre o que me era pedido, visto que tinha e tenho tantas responsabilidades na vida: sou casado, tenho quatro filhos pequenos – um já tem quase a vossa idade – para cuidar e educar; tenho um trabalho no qual me é pedido muito, guio um grupo de investigação de quinze pessoas; e depois há as responsabilidades no Movimento, que aumentaram desde que o Padre Carrón me pediu para o ajudar na condução do Movimento. Diante de tudo isto perguntava-me: o que me é verdadeiramente pedido? Dei-me conta que ao início esta coisa que me estava a acontecer, a doença, era para mim como um acidente porque pensava que a minha verdadeira tarefa fossem todas as outras coisas que fazia na minha vida e aquele imprevisto não era preciso. Descobri o que me é verdadeiramente pedido exatamente graças ao fato que não se percebeu de imediato o que tinha. Porque nós tantas vezes falamos da esperança na vida quando as coisas já estão resolvidas. Mas o que quer dizer que existe uma esperança na vida quando as coisas não são claras, quando estamos ainda dentro dos problemas, quando estamos no meio da dificuldade? Senão falamos do cêntuplo dizendo coisas abstratas, pensando que as coisas vão bem só quando os problemas da vida estão resolvidos. Mas é possível experimentar o cêntuplo, viver a esperança quando estás em dificuldade? Esta era a pergunta que tinha.

Naqueles momentos entendi que devia começar a ver finalmente aquilo que se tem sempre tanta dificuldade em ver, e comecei a vê-lo graças a toda a história da minha vida, destes anos, graças à certeza que dia após dia continuou a crescer em mim dentro desta amizade, a amizade da Igreja. Comecei a perceber que aquilo que me era pedido é «vocação», isto é, que a vocação não é a forma que tu deves dar à tua vida para a dedicar a Deus ou a ti mesmo, a vocação é responder à relação pessoal que alguém pede à tua vida, àquela preferência que é dada a ti, porque aquela circunstância era dada a mim, só a mim, precisamente a mim para O reconhecer a Ele na minha vida. Não podia continuar a viver todas as outras coisas sem tomar a sério até ao fundo aquele fato que me estava a acontecer.

Assim, comecei a entender que o cêntuplo não é cem vezes aquilo que nós desejamos, é uma outra coisa, é uma outra medida. A nós não é prometido que se realize aquilo que temos na cabeça, mas muito mais, cem vezes mais. É-nos prometido algo segundo uma medida que não temos nós. E então começa-se a entender para que serve o sacrifício, o que é o sacrifício. A nós é prometido o cumprimento do desejo do nosso coração se não deixarmos de ficar agarrados àquela presença amada que entrou na nossa vida, porque o cêntuplo começa dentro daquilo que já te é pedido para fazer, não é que devas imaginar-te sabe-se lá que coisa. E de fato naquele período voltou-me à mente mais vezes e fez-me companhia aquilo que dizia sempre Dom Giussani: as circunstâncias inevitáveis – ou seja aquelas em que não podes escolher o que fazer: podes fazer de conta que não há nada, mas os destino está assinalado – são as mais simples, mesmo se não são as desejáveis, aquelas que vão como quero eu; certo, eu teria preferido estar bem, para poder pôr todas as minhas energias em todas as tarefas grandes, importantes que tenho na minha vida, mas a um certo ponto um Outro escolheu para mim uma coisa diferente: «A ti é pedido isto agora, porque sou Eu que quero a tua vida, não és tu que a comandas». E voltava-me à mente que até Jesus decidiu aceitar esta relação como a definição do cumprimento da sua tarefa, daquilo pelo que tinha sido enviado: a relação com o Pai. Dom Giussani diz que a circunstância mais favorável, mais

simples, é a inevitável, porque na circunstância inevitável é mais claro o que te é pedido, não tens de inventar nada (pensando: quem sabe o que devo fazer, o que me é pedido na vida, como posso servir a Deus?), porque a tarefa a tens ali, diante de ti.

E então, dado que estamos no tempo do Tríduo pascal, digo-vos a experiência que vivi: no verão passado meditei muito sobre o episódio do Getsêmani que também remámos ontem. Releio aquilo que lemos no evangelho de Mateus. Quando está sozinho a rezar, a um dado momento, Jesus diz: «“O Espírito está pronto, mas a carne é frágil”». E de novo, afastando-se, rezava dizendo: “Meu Pai, se este cálice não pode passar sem que eu o beba, seja feita a tua vontade” [tomem atenção a como continua o relato]. E voltando de novo viu que os discípulos dormiam, porque tinham os olhos pesados. Deixando-os, afastou-se de novo e rezou pela terceira vez, repetindo as mesmas palavras. Depois aproximou-se dos discípulos e disse-lhes: “Durmam agora e repousem!”<sup>50</sup>. Está em paz. Enquanto vivia os meses da doença, dei conta em mim do tormento de Jesus que chega junto dos seus discípulos, encontra-os a dormir e diz: «Mas por quê? Logo vocês que são meus amigos!». Sentia-se só. A grande tragédia da vida é esta solidão, que é o não sentir mais o significado do gesto que se cumpre, daquilo que se vive, a relação que tem com o todo, com o infinito, ou seja pensar que aquilo que se faz seja inútil. Jesus precisa dos seus amigos, Ele que não tinha nunca precisado – eram os outros que precisavam dEle, Jesus nunca precisava de outros que lhe explicassem as coisas, que lhe dissessem alguma coisa, que o fizessem ver, que lhe resolvessem os problemas – precisava de não estar só, mas «os seus olhos estavam pesados».

Isto feriu-me porque, dizendo isto, o evangelista sublinha uma coisa que não tinha nunca pensado antes daquele verão, antes que me acontecesse viver aquela circunstância: estava quase para além da vontade deles ter adormecido, porque os olhos deles estavam pesados, como se o próprio Pai tivesse permitido isto de modo que Jesus não encontrasse uma via de fuga nem sequer nesta última possibilidade e descobrisse que a única verdadeira vitória sobre a solidão era afirmar a relação com o Pai, o abandono ao Pai que porém naquele momento sentia tão distante. Eu dei-me conta que estava a viver esta mesma experiência. Diante disto, comecei a enfrentar tudo o que me esperava, portanto também as provas que tive de suportar. Por isso entendo que a circunstância inevitável é a mais simples, porque nós vemos claramente o que nos é pedido. É-nos pedido obedecer, mas o que quer dizer obedecer? Nós temos mesmo um modo moralista de sentir as coisas e não sabemos o que é a obediência.

Obedecer é, em primeiro lugar, uma disponibilidade, é uma disponibilidade ao Mistério que me quer agora: ficar naquilo que te é dado para afirmar o significado da vida. A vida tem um significado e eu devo descobri-lo. E o único modo que tenho para descobri-lo é entrar sempre mais naquilo que me é dado. Por isso, são-me dados amigos, companheiros de caminho. O Mistério não nos deixou sós. Vocês estão aqui, nós estamos aqui juntos porque isto continua a acontecer hoje.

Para pedir que este significado se revele sempre mais, mesmo que se talvez num certo momento não o vês claramente – como emergia de tantos contributos, não o vês logo luminoso, ou seja não o vês brilhar, mas vê-lo obscurecido, como através do buraco duma fechadura –, tu permaneces agarrado, estás agarrado à fonte da vida que viste, que viste mudar-te naquele momento, que sentiste tão potente como desafio à tua vida. E, então, entendes que o cêntuplo é um gosto diferente, não são mais coisas que fazes o que tens, mas é um gosto diferente no viver as coisas normais, que de outro modo seriam só um peso; entendes que estás a fazer uma

coisa que tem a ver com o destino do mundo e com o teu destino antes de mais, com aquilo pelo que foste escolhido. Mas tu podes fazer as mesmas coisas sem ficar agarrado, deixando de desejar coisas grandes. Este é o jogo, rapazes: não deixem nunca de desejar coisas grandes! A vida adquire gosto numa disponibilidade.

Esta é a minha experiência. É a única coisa que posso dar-vos como certa, precisamente porque a experiência, aquilo que nós chamamos experiência, é iniciar a entender aquilo que começou, é aprofundar sempre mais aquela verdade que nos alcançou através daquilo que chamamos «encontro». O amanhã é para isto. Depois de amanhã é para isto. Depois de depois de amanhã é para isto. E existe o caminho. O caminho têm-no diante de vós. Para não deixar de desejar coisas grandes, é preciso estar agarrados – olhos e coração – a quem as vive, pedindo sempre ao Senhor da vida que cumpra aquilo que nós não podemos realizar com os nossos esforços. Isto é o meu voto para a vossa vida.

**Alberto Bonfanti.** A dádiva da presença do Davide hoje não é a única desta vigília de Páscoa. Agora o padre José lê-nos a saudação que o nosso amigo Julián Carrón não quis que nos faltasse também este ano. Parece-me mesmo que sintetiza tudo aquilo que vivemos nestes dias.

«Caríssimos,

a realidade, junto com o coração, é a nossa grande aliada.

Aliada contra nós mesmos quando nos deixamos tomar pelas nossas más disposições e pelos nossos medos.

Felizmente a realidade é teimosa. E é mais real que as nossas dúvidas.

Impõe-se nos nossos dias – qualquer que seja o nosso estado de ânimo – sem nos pedir autorização.

Vemo-lo quando lhe sentimos toda a atratividade embatendo-nos num rosto amado.

Por isso, negar a sua evidência é de doidos. Negá-la é como negar a si mesmos.

Reconhecê-la é fácil. Bastaria ceder à sua atratividade, como uma criança diante do espetáculo duma montanha. Significa ser ingênuos? Não. Simplesmente quer dizer ser simples, leais com aquilo que vêm os olhos.

E, no entanto, tantas vezes parece que o medo do nada nos assalte. E então? Eis que torna a fazer-nos companhia a nossa grande aliada: a realidade é o maior desmentido do nada. Existe!

Frágil? Fugaz? Efêmera? Mas existe. Sem possibilidade de apelo!

Há só um inconveniente: é preciso a liberdade para a reconhecer. Graças a Deus! Quem de nós quereria ser amado por escravos, por robôs, mecanicamente? Eu não, nunca!

Para facilitar o seu reconhecimento, o Mistério tornou-Se carne, morreu e ressuscitou por nós. A imponentia da Sua presença era tal que não deixava indiferente ninguém.

Como nos disse o Papa Francisco na praça de São Pedro, “André, João, Simão: sentiram-se olhados até ao fundo, conhecidos intimamente, e isto gerou neles uma surpresa, um espanto que, imediatamente, os fez sentir ligados e Ele...”

Dom Giussani recorda-nos que “o caminho do Senhor é simples como aquele de João e André, de Simão e Filipe, que começaram a ir atrás de Cristo: por curiosidade

e desejo. Não há outro caminho, no fundo, além desta curiosidade desejosa despertada pelo pressentimento do verdadeiro”.

Só quem favorece esta curiosidade desejosa poderá descobri-lo.

Entretanto, Ele espera o nosso reconhecimento. Livre. “E quando nós chegamos, Ele estava já à espera” (Papa Francisco).

O cristianismo é um caminho só para homens que não renunciam à sua razão e à sua liberdade.

Boa Páscoa, amigos.

Julián Carrón»

Como antecipação dos votos da Páscoa cantemos juntos o *Regina Coeli*.

### *Regina Coeli*

**José Medina.** O meu voto é que desafieis a vida. No que me toca, eu volto para casa comovido, movido. Por isso não quero acrescentar nada, senão este convite: desafiem a vida, porque vos surpreenderá. Verdadeiramente vos surpreenderá! São João Paulo II, cujo aniversário celebramos ontem, dizia: «Não tenham medo!»<sup>51</sup>. Já aconteceu. Continua a acontecer.

### *Veni Sancte Spiritus*

## NOTAS

- 1 Oração da Laudes matinais de segunda-feira Santa, em *Liturgia das Horas segundo o rito romano. Tempo de Quaresma, Tríduo Pascal, Tempo di Páscoa*, vol. II.
- 2 *Ap* 22,20.
- 3 *Sal* 63,4.
- 4 G. Gaber, «Cercò un gesto naturale», do CD: *Far finta di essere sani* (1973-1974).
- 5 Francisco, *Discurso no encontro com os jovens*, 18 de janeiro 2015, Manila, Filipinas.
- 6 *Ibidem*.
- 7 Cf. *Mc* 10,47-48.
- 8 C. Pavese, *Il mestiere di vivere*, Einaudi, Torino 1952, p. 14.
- 9 R. Stevenson, *Henry David Thoreau: His Character and Opinions, Part 1, Cornhill Magazine, June 1880*.
- 10 C. Betocchi, «Ciò che occorre è un uomo», *Dal definitivo istante*, Bur, Milano 1999, p. 146.
- 11 Cf. A. Tarkovskij, *Andrej Rublëv*, Garzanti, Milano 1992, p. 74.
- 12 *Sl* 63,4.
- 13 Francisco, *Discurso ao Movimento de Comunhão e Libertação*, 7 de março de 2015.
- 14 L. Giussani, *Il tempo e il tempio. Dio e l'uomo*, Bur, Milano 2015, p. 48.
- 15 Cf. *Jo* 7,46.
- 16 *Jo* 15,4.
- 17 *Jo* 13,33.36-37.
- 18 *Mt* 28,20.
- 19 *Jo* 6,48-51.
- 20 *Lc* 10,21.
- 21 Cf. E. Siciliano, *Vita di Pasolini*, Giunti, Firenze 1995, p. 277.
- 22 L. Giussani, *Por que a Igreja*, Companhia Ilimitada, São Paulo 2015, p. 60.
- 23 *Ibidem*
- 24 Francisco, *Discurso no encontro com os jovens*, 18 de janeiro de 2015, Manila, Filipinas.
- 25 A. Baricco, *Novecento*, Feltrinelli, Milano 1994, p. 47.
- 26 *Idem*, p. 57.
- 27 C. Chieffo, «Canzone di Maria Chiara», in *Canti*, Coop. Ed. Nuovo Mondo, p. 189.
- 28 Cf. A. Tarkovskij, *Andrej Rublëv*, op.cit., p. 74.
- 29 Francisco, *Discurso ao Movimento de Comunhão e Libertação*, 7 de março de 2015.
- 30 L. Giussani, *L'io rinasce in un incontro (1986-1987)*, Bur, Milano 2010, p. 207.
- 31 *Jo* 3,3-6.
- 32 Cf. *Mt* 10,39; *Lc* 9,24.
- 33 *Mt* 19,29.
- 34 *Gal* 2,20.
- 35 C. Chieffo, «Ballata dell'amore vero», in *Canti*, op. cit., p. 216.
- 36 L. Giussani, *In cammino (1992-1998)*, Bur, Milano 2014, p. 27.
- 37 L. Giussani, *Dall'utopia alla presenza (1975-1978)*, Bur, Milano 2006, p. 330.
- 38 L. Giussani, *L'autocoscienza del cosmo*, Bur, Milano 2000, p. 306.
- 39 Francisco, *Discurso aa Movimento de Comunhão e Libertação*, 7 de março de 2015.
- 40 1 *Cor* 1,23.25.
- 41 2 *Cor* 5,14-15.
- 42 *Jo* 15,4.
- 43 Cf. *Lc* 22,42.
- 44 Cf. L. Giussani, *Por que a Igreja*, op. cit., p. 60.
- 45 F. Kafka, «Gli otto quaderni in ottavo», in *Confessioni e diari, Terzo quaderno*, Mondadori, Milano 1972, p. 716.
- 46 «Don Luigi Giussani 1922-2005. Il pensiero, i discorsi, la fede», suplemento mensal. *Corriere della sera*, 21 de fevereiro de 2015. Cf. L. Giussani, *Il tempo e il tempio. Dio e l'uomo*, op. cit., pp. 48ss.
- 47 Cf. L. Giussani, *Il tempo e il tempio. Dio e l'uomo*, op. cit., pp. 57-59.
- 48 Cf. *Litterae Communionis-Tracce*, n. 11, dezembro de 1994, p. 4.
- 49 E. Burnand, *Os discípulos Pedro e João correm ao Sepulcro na manhã da Ressurreição*, 1898. Musée d'Orsay, Paris.
- 50 *Mt* 26,41-45.
- 51 João Paulo II, *Homilia pelo início do Pontificado*, 22 de outubro de 1978, 5